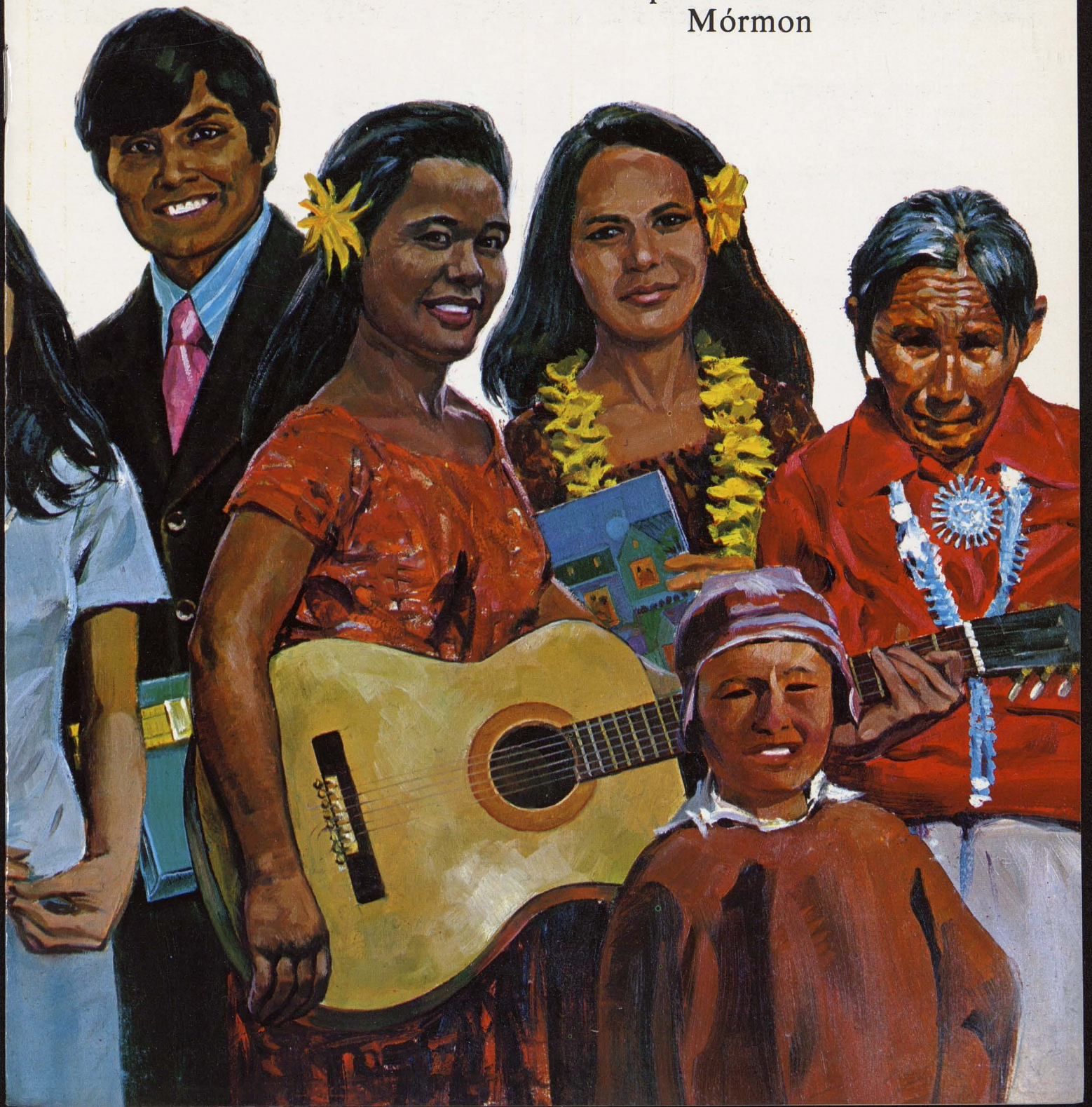
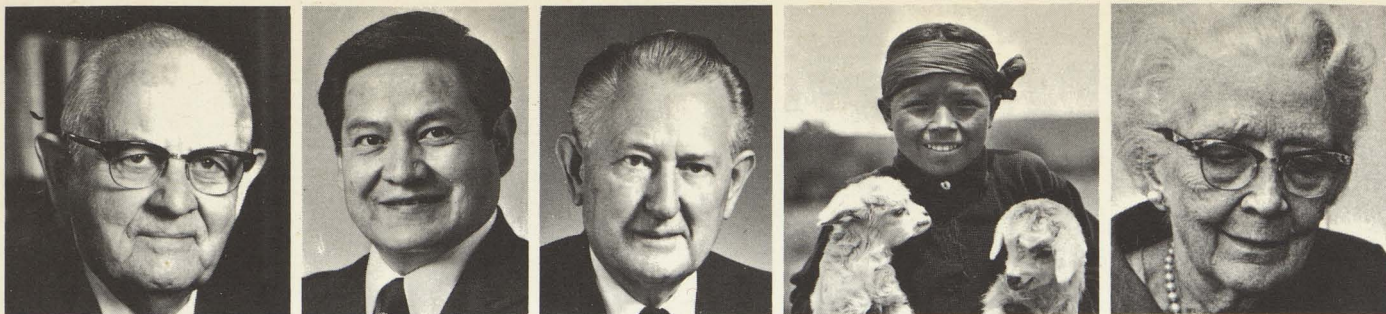


A ^{29/11} **Liahona** novembro 1976

A Igreja e os remanescentes
dos povos do Livro de
Mórmon





A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

CONSELHO DOS DOZE

Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Delbert L. Stapley
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Hight

COMITÊ DE SUPERVISÃO

Robert D. Hales
O. Leslie Stone
David B. Haight
Howard W. Hunter

EDITOR DAS REVISTAS DA IGREJA

Dean L. Larsen

EXECUTIVO DO INTERNATIONAL MAGAZINE

Larry Hiller, Editor Gerente
Carol Larsen, Editor Associado
Roger Gylling, Desenhista

EXECUTIVO DA "A LIAHONA"

José B. Puerta, Coordenador de Línguas
José G. F. da Silva, Correspondente
Moacir S. Lopes, Supervisor de Layout

A^{29/11} Liahona ^{novembro 1976}

1 Mensagem da Primeira Presidência: NOSSOS CAMINHOS ENCONTRARAM-SE NOVAMENTE: Presidente Spencer W. Kimball

5 Diário Moímon: "DEVO TODAS AS OPORTUNIDADES AO SENHOR"
— Elder George Lee, Lawrence Cummins

6 "NÃO PUDE CONTER AS LÁGRIMAS", Tonga Toutai Paletu'a
"PAGAMOS NOSSO DÍZIMO", Daniel Afamasaga Betham

7 DESTINOS COMBINADOS, OS LAMANITAS E OS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS, Dean L. Larsen

11 PERGUNTAS E RESPOSTAS, Russel M. Nelson, Harold Glen Clark

24 ESPOSAS DAS AUTORIDADES GERAIS: Irmã Ida Jensen Romney, Maurine Jensen Ward.

13 O AMIGO — UMA HISTÓRIA VERDADEIRA — Alisse Stratton

28 "ONDE DOIS OU TRÊS ESTIVEREM REUNIDOS", Gerald R. Schiefer
Seção da Juventude

21 STEPHEN, Pene Horton

27 Mensagem para a Juventude: UMA VIDA CONSTRUTIVA, Elder Le-Grand Richards.

Seção das Crianças

EU SEI QUE ELE VIVE, Alice Stratton

16 Estórias da Primeira Presidência: SEM ANTES PREPARAR UM CAMINHO, Presidente Spencer W. Kimball

"PENSEI QUE PODERIA CONFIAR EM VOCÊ!" Presidente N. Eldon Tanner

18 MENINÃO DO CERRADO, Murray T. Pringle

20 Só para Divertir

30 PERFIL DE UM LÍDER, José Glaiton F. da Silva

32 NOVA ESTACA ORGANIZADA NO RIO DE JANEIRO, José B. Puerta

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o nº 1151-P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP.** Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cr\$ 20,00**; para o exterior, simples: **US\$ 5,00**; aérea: **US\$ 10,00.** Preço do exemplar avulso em nossa agência: **Cr\$ 2,00**; exemplar atrasado: **Cr\$ 2,50.** As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A **LIAHONA** — c 1976 pela Corporação da Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857 de 9-11-1930. "International Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês.

Fotocomposição e Impressão pela Editora Gráfica Lopes, R. Peribeúí nº 331, telefone 276-8222, São Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Há muito tempo atrás, um velho irmão índio navajo disse-me algo sobre o que pensei muitas vezes. Ele disse: "Este evangelho é algo de que temos tentado nos lembrar toda nossa vida; agora, de repente, podemos lembrar-nos. Nossos ancestrais costumavam estar com os seus ancestrais antigamente, mas chegou o dia em que chegamos a uma divisão na estrada com uma grande pedra no meio. Nós seguimos

um caminho e vocês seguiram outro. Andamos ao redor daquela grande rocha por um longo tempo; mas agora estamos juntos, novamente, e sempre caminharão juntos de agora em diante."

Há grande compreensão nesta visão da história dos acordos do Senhor com seu povo.

Este irmão lamanita e eu temos pais comuns; e minha alma se eleva, quando me lembro de que, em nossas veias, flui o sangue do povo escolhido do Senhor —

Mensagem da Primeira Presidência

Nossos Caminhos Encontraram-se Novamente

Presidente Spencer W. Kimball

*Os descendentes de José,
depois de gerações de separação,
estão sendo agora unidos na
fraternidade do Evangelho*



os grandes patriarcas do Velho Testamento, como Abraão foi nosso pai comum, de quem é dito que não houve maior na terra. Através de sua posteridade não houve maiores na terra. Através de sua posteridade, o Senhor escolheu levar avante seus sagrados propósitos sobre a terra. Isaque, um dos grandes profetas de todos os tempos, e Jacó, o pai de toda a casa de Israel, são nosso ancestrais. José, que foi vendido no Egito, era um homem de virtude constante, que foi em seus dias um salvador para o povo da casa de seu pai. Ele também é ancestral da maioria dos membros da Igreja hoje, incluindo-se os descendentes de Léhi, Ismael e Zoram.

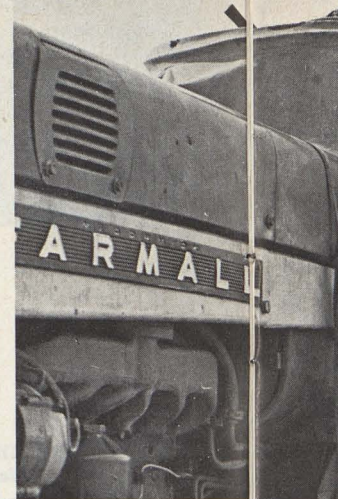
Tenho pensado na divisão de nossos caminhos, quando nossos ancestrais começaram a seguir rumos diferentes. Aí, pela desobediência e rebelião, as palavras de Moisés começaram a ser cumpridas: "O Senhor te fará cair diante dos teus inimigos . . . e será espalhado por todos os reinos da terra . . .

"O Senhor vos espalhará entre todos os povos, desde uma extremidade da terra até à outra extremidade da terra: e ali servirás a outros deuses que não conhecestes, nem tu nem teus pais; ao pau e à pedra." (Deut. 28: 25,64.)

Quão completa e totalmente estas palavras proféticas vieram a se cumprir! Pois embora as escrituras estejam repletas com exemplos da paciência do Senhor para com a antiga Israel — o quanto ele suportou suas fraquezas, escutou suas intermináveis reclamações, afastou-se de sua imundície, sofreu com suas idolatrias e adultérios, e chorou pela sua infidelidade — ainda assim, no final, seu povo o rejeitou através da injustiça e rebelião. Então, fiel às palavras de seus santos profetas, o Senhor permitiu que fossem espalhados — primeiro um ramo, um grupo de Israel, depois outro, e então mais outro — aos quatro cantos da terra: "Porque eis que darei ordem, e sacudirei a casa de Israel entre todas as nações, assim como se sacode grão no crivo, sem que caia na terra um só grão." (Amós 9:9.)

Primeiramente, o reino do norte de Israel foi conquistado, e seu povo levado cativo para a Assíria cerca de 2 700 anos atrás. Desde essa época, esse povo, nossos pais, conhecido como as "dez tribos perdidas de Israel" e principalmente Efraim, foi espalhado entre as nações pagãs da terra, para cair na escuridão de uma apostasia que durou milênios.

Pouco mais de cem anos após este primeiro cativo, o reino do sul de Judá foi atacado pelos exércitos de Nabucodonosor; Jerusalém foi saqueada, e seus habitantes, os Judeus, levados ao exílio. Depois de algum tempo, alguns deles foram autorizados a retornar, mas os remanescentes foram espalhados pela Ásia ocidental. Após o ministério do Senhor Jesus Cristo e de seus apóstolos, Jerusalém foi mais uma vez destruída, e os judeus injustos e rebeldes tirados novamente da terra de sua herança a fim de vagarem errantes na escuridão, para lá e para cá sobre a terra, aguardando a reunião de Israel neste dia. Em 600 A.C., imediatamente antes do exílio de Judá, o Senhor guiou outro ramo precioso da casa de Israel para fora de Jerusalém. O Pai Léhi fugiu de Jerusalém antes da destruição e foi orientado pelo Senhor para estabelecer sua semente sobre os continentes americanos. Este era um povo com líderes gran-



des e inspirados. Entretanto, também caíram em desobediência, rebelião e iniquidade, e foram expulsos da presença do Senhor para serem castigados, e se espalharam. Muitos longos séculos já vieram e se foram desde a divisão de nossos caminhos. Um número incontável de pessoas viveu e morreu; muitos reinos ergueram-se e caíram. Na história do mundo, temos visto a mão do Senhor. Temos visto os muitos ramos de Israel vagando errantes.

Mas ainda assim o Senhor não esqueceu Israel, pois embora Israel devesse ser espalhada entre as nações, o Senhor todavia disse: ". . . sem que caia na terra um só grão "e seja perdido. (Amós 9:9.) Em nossos dias, temos visto as conjunturas políticas que prepararam o caminho para a reunião de Judá na velha Jerusalém, na terra de sua herança. Nossa história relativamente recente mostrou também a preparação da terra das Américas para a restauração do Evangelho, através do profeta Joseph Smith. E temos testemunhado grande parte da reunião dos remanescentes de José na terra da Nova Jerusalém. Nós mesmos estamos testemunhando o cumprimento das palavras do grande profeta Isaías:

"E acontecerá nos últimos dias que se firmará o monte da casa do Senhor no cume dos montes, e se exalçará por cima dos outeiros; e concorrerão a ele todas as nações.

E virão muitos povos e dirão: Vinde, subamos ao monte do Senhor, à Casa do Deus de Jacó, para que nos ensine o que concerne aos seus caminhos, e andemos nas suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e de Jerusalém a palavra do Senhor." (Isaías 2:2-3.)

E embora tenhamos visto apenas o início, ainda assim o trabalho de reunir Israel novamente em Sião expande-se aos últimos confins da terra. Nesse sentido, lembro-me das palavras do profeta Habacuque: ". . . porque realizo em vossos dias uma obra, que vós não creereis, quando vos for contada". (Habacuque 1:5.)

"Portanto, eis que vêm dias, diz o Senhor, em que nunca mais dirão: Vive o Senhor, que fez subir os filhos de Israel da terra do Egito; mas: Vive o Senhor, que fez



subir, e que trouxe a geração da casa de Israel da terra do Norte, e de todas as terras para onde os tinha arrojado; e habitarão na sua terra.” (Jer. 23:7-8.)

De grande importância para este trabalho da reunião de Israel é a obra de se levarem as bênçãos do evangelho restaurado de Jesus Cristo aos lamanitas. Pois que o trabalho do Senhor nestes últimos dias não pode, de forma alguma, ser completo até que estes filhos da grande promessa sejam trazidos de volta ao rebanho. O Senhor disse, através de seu profeta Léhi: “Eis que vos digo que sim; e serão lembrados outra vez entre a casa de Israel; e, sendo um ramo natural da oliveira, serão enxertados na oliveira verdadeira.” (I Néfi 15:16.) Somos testemunhas de tais eventos. Tanto lamanitas como gentios viram a remoção da grande pedra que separava nossos caminhos.

Este processo de redenção do povo lamanita não foi nada fácil, especialmente para os próprios lamanitas. Por um milhar de anos, após o término do registro do Livro de Mórmon, este povo vagou em escuridão espiritual e foi espalhado sobre os continentes americanos e as ilhas do mar. Perdeu sua linguagem escrita, sua alta cultura, e, pior de tudo, seu conhecimento do Deus vivo e de sua obra. Desde a vinda do homem branco para as Américas, este povo foi perseguido sem misericórdia, assassinado e degradado.

Somente a alma mais desprovida de sentimentos poderia deixar de chorar na contemplação da queda deste povo. Mas foi decreto do Senhor que os lamanitas deveriam ser preservados na terra, e que este remanescente de José novamente viria para sua herança prometida.

Quando eu era jovem, e vivia entre os lamanitas, há mais de setenta anos atrás, a destruição dos lamanitas era uma crua realidade. Parecia a mim impossível que esse povo aquebrado poderia jamais se erguer da destruição e tornar-se poderoso mais uma vez, como o Senhor prometera. Lembro-me de haver lido as palavras do presidente Wilford Woodruff:

“Os lamanitas florescerão como a rosa nas monta-

nhas. Desejo dizer aqui que, embora eu creia nisso, quando vejo o poder do país destruindo-os da face da terra, o cumprimento dessa profecia é talvez mais difícil de acreditar, que qualquer revelação de Deus que eu já tenha lido. Parece como se não serão deixados os suficientes para ouvirem o Evangelho.” (Journal of Discourses, 15:282.)

Entretanto, as promessas do Senhor com relação aos lamanitas começaram a se cumprir com o aparecimento do Livro de Mórmon nesta dispensação (Veja Éter 4:17), e vivi o bastante para vê-los novamente começar a florescer e vestir suas belas roupagens.

Meu interesse pelo povo indígena foi aumentado por uma bênção patriarcal que me foi dada, quando eu era jovem de onze anos. Citarei umas poucas linhas:

“Tu pregarás o evangelho a muitos povos, porém mais especialmente aos lamanitas, pois o Senhor te abençoará com o dom de línguas e com o poder de retratar com grande clareza o Evangelho diante daquele povo. Tu os verás organizados, e estejas preparado para te ergueres como um anteparo em volta desse povo.”

Certamente nem um patriarca nem qualquer outra pessoa poderia sequer ter suposto isso. Porque eu era apenas um pequeno rapaz da roça, quando recebi tal bênção. Não havia nem evidência de que eu iria ao mundo e pregaria o evangelho, e certamente nem que eu chegaria perto de quase todas as tribos do mundo. Assim, é extremamente notável que essas promessas tenham vindo como vieram. Os lamanitas estão crescendo em número e influência. Quando os Navajos voltaram de Fort Sumner, no estado de Novo México, depois de um cativeiro devastador, havia apenas 9 000 deles; agora já são mais de 100 000. Há cerca de 130 000 000 de lamanitas no mundo todo. Estão-se tornando responsáveis e politicamente ativos nas comunidades onde residem. Seus empregos e padrões de vida melhoram.

A Igreja tem-se estabelecido entre eles e continuará a fazê-lo. Há agora mais de 350 000 lamanitas membros da Igreja. Frequentam suas reuniões fielmente. Eles têm o sacerdócio entre eles. Há presidentes de ramos, líderes de quoruns, bispos, presidentes de estacas e líderes em todas as fases do trabalho. Eles frequentam o templo e recebem as ordenanças necessárias para exaltação. São inteligentes e fiéis; são um povo grandioso e abençoado.

Regozijo-me que tenha sido meu privilégio levar o evangelho aos lamanitas desde o Oceano Pacífico até o Atlântico; das fronteiras do Canadá ao extremo sul do Chile, e nas ilhas, do Havai à Nova Zelândia. Visitei e me alimentei com esses que são meus irmãos e irmãs, e tenho sido hóspede em seus lares.

Já encontrei aqueles que são um pouco envergonhados de serem lamanitas. Como é isto possível? Alguns prefeririam definir-se como Nefitas, ou Zoramitas, ou Josefitas, ou qualquer outra coisa. Certamente há um mal-entendido. Gostariam eles de se apartarem das bênçãos que o Senhor prometeu ao seu povo do convênio? Gostariam eles de lançar fora sua primogenitura? Pois que o Senhor pessoalmente escolheu chamar esse povo lamanitas, a todos os descendentes misturados do Pai Léhi, e Ismael, e Zoram, e Muleque, e outros do registro do Livro de Mórmon; todos da semente literal

dos lamanitas, “. . . e também a todos os que se haviam tornado lamanitas por causa de suas dissensões.” (D&C 10:48.)

Vocês, que são lamanitas, lembrem-se disto: seus ancestrais lamanitas não foram mais rebeldes que qualquer dos outros ramos da casa de Israel. Toda a semente de Israel caiu em apostasia e sofreu a longa noite de escuridão espiritual e somente através da misericórdia de Deus puderam quaisquer dos ramos ser salvos de posterior destruição — a mistura gentia-efraimita primeiro, e então os lamanitas, remanescentes de José, para que o dito pudesse ser cumprido, “os derradeiros serão primeiros, e os primeiros derradeiros.” (Mat. 20:16.)

Vocês, que são lamanitas, lembrem-se: em seu passado, há homens como Néfi e seu irmão Léhi. Quando foram lançados na prisão, enquanto a serviço do Senhor como missionários, foram tão justos e cheios de fé, que, embora estivessem cercados pelo fogo, não podiam ser queimados; suas faces brilhavam como a de Moisés quando descia do monte. Seus perseguidores perguntaram: “O que significa isso, e com quem conversam esses homens?” E a resposta veio: “Conversam com os anjos de Deus.” (Hel. 5:38,39.) Vocês são um povo escolhido; vocês têm um futuro radiante. Vocês podem possuir toda a riqueza desta terra, mas não serão, nada, comparados com o que podem ser nesta Igreja. Vocês podem dirigir muitas nações, mas não terão nada, comparado com o que poderão vir a ter, através do santo sacerdócio, como um rei ou uma rainha do Deus Altíssimo.

Vocês, não lamanitas, que olham para esses seus irmãos e irmãs e conseguem ver somente o que é “escuro e repugnante”, atentem para si próprios! Olhem para o seu próprio passado — qualquer de nossos passados — e vocês encontrarão séculos de coisas repugnantes e injustas. E então vejam nas escrituras e descubram a opinião do Senhor a respeito de seu povo escolhido, entre os quais incluem-se os lamanitas.

O Senhor disse: “. . . farei abrandar os corações dos gentios, para que sejam como um pai para eles. . .” (os remanescentes lamanitas de José) (2 Né. 10:18.) Um pai amoroso não despreza seus filhos. Esses são um povo escolhido, e esta Igreja tem uma parte importante na restauração desse povo à herança a que tem direito. A ponte entre o que eles são e o que virão a ser é a *oportunidade*. O evangelho fornece a oportunidade; nossa é a obrigação de dá-la.

“E abençoados os que procurarem estabelecer a minha Sião naquele dia, pois terão o dom e o poder do Espírito Santo; e, se perseverarem até o fim, serão levantados no último dia, e quão belos serão sobre as montanhas!” (1 Né. 13:37.)

Há outro ponto que eu gostaria de esclarecer.

O direito de posse da terra americana é condicional, e somente aqueles que viverem as leis de Deus e o servirem fielmente poderão herdá-la. Esta terra é nossa apenas na medida em que vivermos os mandamentos de Deus. Quem quer que vá gozar esta terra, deverá servir a Deus, ou será varrido dela.

Assim, meu apelo hoje é para todos os lamanitas, os polinésios e os Índios, para que vivam os mandamentos de Deus e provem a si mesmos dignos desta terra escolhida. E ainda uma palavra de advertência: mantenham suas forças em direção de um propósito elevado. Mantenham seus olhos fitos na glória de Deus (Veja D&C 4:5.) Mantenham sua fé e vivam os princípios do Evangelho.

Poderá haver aqueles que professem ser seus salvadores. Eles poderão escravizá-los com a poderosa dialética ou suas estranhas filosofias. Se alguns de seus líderes tiverem motivos que sejam egoístas e discutíveis, não se envolvam com eles. Talvez alguns venham mesmo a instigá-los a ações não sábias. Acautelem-se com eles.

Escutem aos seus líderes legitimamente eleitos e permaneçam com aqueles que querem independência, equidade e total liberdade para o povo indígena, apenas pelos meios pacíficos. Somente esses tipos de sucessos serão duradouros.

O Senhor tem um plano compreensível, e eu tenho uma firme convicção de que ele será levado através dos programas da Igreja. Mesmo agora a Igreja está utilizando seus recursos para educar os lamanitas, a fim de melhorar suas condições de vida e saúde, para trazê-los a um conhecimento do Evangelho de seu Redentor. Tenho pedido esforços maiores na área do trabalho missionário entre os lamanitas, e sido gratificado com os resultados. As missões nas áreas lamanitas são as mais ativas e produtivas de todas, com muitos mais conversos por missionário que em qualquer das outras missões. É como fora nos dias antigos: “E assim vemos que o Senhor começou a derramar seu Espírito sobre os lamanitas, em virtude da facilidade e empenho que mostravam em crer em suas palavras.” (Hel. 6:36.) Temos muitos missionários lamanitas no campo agora, e haverá muitos, muitos mais, tenho certeza.

E não podemos exercitar nossa fé para expandir esse trabalho ainda mais? Enos fez uma oração com fé poderosa e obteve do Senhor uma promessa de que os lamanitas seriam preservados. Quão glorioso seria, se um milhão de famílias Santos dos Últimos Dias se pusesse de joelhos diariamente, pedindo com fé para que o trabalho entre esses seus irmãos seja acelerado, que as portas possam ser abertas.

Os lamanitas devem erguer-se novamente em dignidade e espírito para se juntarem integralmente a seus irmãos e irmãs da família de Deus, para levar adiante seu trabalho em preparação para o dia quando o Senhor Jesus Cristo retornar para liderar o seu povo, quando o milênio for iniciado, quando a terra for renovada e receber sua glória paradisíaca (Veja a 10ª regra de fé) e suas terras forem unidas e se tornarem uma só terra. Pois que os profetas disseram: “Portanto, o remanescente da Casa de José se estabelecerá neste país; e esta será a terra de sua herança; e edificarão uma cidade sagrada ao Senhor, semelhante à antiga Jerusalém, e não mais serão confundidos, até que venha o fim, quando a terra será consumida.” (Éter 13:8.)

Nisto eu tenho grande fé.

Diário Mórmon

As experiências de cada dia em se viver o Evangelho e amar a Deus estão impressas nos corações de cada Santo dos Últimos Dias. Elas são a história de todos nós. Compartilhem com outros membros da Igreja as experiências que fortaleceram seus testemunhos: orações respondidas, bênçãos do sacerdócio a inspiração de famílias e amigos amorosos, e as recompensas do trabalho nas organizações auxiliares da Igreja. Enviem-nas para *Mormon Journal*, International Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, EUA diretamente, ou à Liahona, a/c Centro Editorial Brasileiro, Rua São Tomé, 520, CEP 04551, Vila Olímpia, São Paulo - S.P.

Elder George Lee.

“Devo toda oportunidade ao Senhor”.

Lawrence Cummins.

Elder George Lee, do Primeiro Quorum dos Setenta, nasceu de pais navajos, em Towaoc, Colorado, aos 23 de março de 1943.

Quando criança, Élder Lee viveu com seus pais numa palhoça de



NOVEMBRO DE 1976

chão batido, numa reserva em Towaoc, Colorado, onde nascera. Não existia eletricidade, nem os confortos modernos. Havia, contudo, doze crianças na família, todos vivendo no lar.

“Meu pai era um homem extraordinário”, diz o Élder Lee. “Ele não conseguia entender o Inglês, e era muito apegado à sua própria cultura. Era um pastor de ovelhas, dedicado ao trabalho duro, e não acreditava em se dormir demais. ‘Nunca deixe que o sol o apanhe ainda na cama’, sempre nos dizia.”

“Meu pai ensinou-nos dignidade e respeito pelo sexo oposto. Ele reverenciava a natureza e, embora não atribuisse nenhuma personalidade a Deus, dizia-nos que a terra, montanhas, animais, insetos e tudo o que crescia era a obra das mãos de Deus, e que deveriam ser protegidos, exceto quando fossem necessários como alimento. Vivíamos perto de toda coisa vivente.

Quando uma cascavel entrava em nossa palhoça, papai falava mansamente com ela, e então gentilmente a apanhava com uma vara, e a levava a cerca de cem metros do lar, onde a deixava no chão e a mandava ficar ali, explicando que não queria fazer-lhe mal de forma alguma. Nossa mãe e pai costumavam caminhar cerca de 9,5 km para conseguir água e tinham de carregá-la para casa sobre os ombros. No inverno, quando a água gelava na planície, eles tinham que cavocar a superfície do gelo e levá-lo para casa dentro de um saco de juta ou cânhamo, onde era derretido sobre o fogão para obtermos água potável.”

Foi um casal Santo dos Últimos Dias de nome Bloomfield, que dirigia um posto de vendas em Mancos Creek, Colorado, quem primeiro interessou Élder Lee pelo Evangelho. Mesmo que ele não adorasse a Deus, o Pai Eterno, como mais tarde viria a compreendê-lo, George orava a um ser celestial desde pequeno, nos tempos mais difíceis. “Uma coisa que se constituiu realmente uma forte motivação inspiradora foi uma experiência que tive aos sete anos, quando fiquei doente por três dias inteiros.”

Ele diz que, quando sua doença progrediu muito, seus pais chamaram um médico.

“Meus pais não falam inglês,”

disse o Élder Lee. “Eles são Navajos muito tradicionais.”

Os medicamentos e cuidados do médico não deram resultado no rapzinho doente. “Em vez de melhorar, piorei”, disse ele. “Após três dias, meu coração parou.”

“Meu pai fez um sarcófago e vestiu-me para o enterro. Colocou-me no caixão, então fechou-o, e baixou-me à sepultura.”

“Quando o caixão bateu com a parte do fundo, penso que acordei,” disse o Élder Lee. Ele disse que começou a bater no caixão, e seus pais, surpresos, retiraram o caixão da sepultura e o abriram.

“A primeira coisa que eu disse foi: ‘Quero um refrigerante.’”

Depois disso, a família Bloomfield carinhosamente apelidou-o “o menino do refrigerante”.

Mas eles sentiram em seus corações que a recuperação do garoto não tinha sido um acidente e que ele teria um trabalho importante para fazer. George Lee foi batizado, quando tinha nove anos, e aos onze, era um dos primeiros alunos do programa de colocação dos índios. Morou com a família Glen Harker, em Orem, Utah.

Élder Lee diz que durante seus anos escolares, “Não imaginava a mim mesmo como um índio. Cresci sem nunca olhar para as cores das pessoas. Uma parte desse sentimento foi-me inculcada com os ensinamentos de meu pai quanto a respeitar todas as pessoas”

Élder Lee serviu como missionário na Missão Indígena Sudoeste.

Em dezembro de 1967, casou-se com uma bela garota Comanche (tribo indígena das planícies), chamada Katherine Hettich, no templo de Salt Lake. A ordenança foi oficiada pelo Élder Spencer W. Kimball. O casal Lee tem dois filhos, Duane Michal, com seis anos e Chad Thomas, com cinco e ainda uma filha, Tricia, com dez meses.

Embora com pouco mais de trinta anos, suas conquistas acadêmicas e os reconhecimentos de liderança são em número impressionante. Ele já tem o grau de mestrado em educação, e acabou de terminar sua tese para doutorado em administração educacional. Em 1974, foi o presidente do College of Ganado, em Ganado, Arizona, uma faculdade que se destina aos índios ameri-

canos.

Todavia, tão importantes como todas estas coisas, o que distingue George Lee é seu doce espírito e sua completa fé no Senhor. Ele é um homem humilde e testifica que “toda oportunidade que tenho,

Daniel Afamassaga Betham: “Pagamos nosso Dízimo”

Havia-me afiliado à Igreja recentemente em Samoa e queria pagar o meu dízimo, mas outros compromissos de nosso orçamento não permitiam. Um desses compromissos era o pagamento de nossa casa e 5 hectares de terra, que tínhamos comprado sob um contrato com o vendedor que lhe dava o direito de tomar a terra, se deixássemos de fazer qualquer pagamento mensal com atraso superior a duas semanas. Mas após pedir em oração como deveríamos usar o dinheiro, senti que deveria deixar de pagar o terreno por um mês e usar o dinheiro para pagar o dízimo.

Fiquei muito preocupado a respeito do pagamento da terra, porque era uma propriedade pela qual muitas pessoas estavam interessadas, e o proprietário a queria de volta, mas tínhamos confiado em nosso Pai Celestial e sabíamos que ele encontraria um meio para que efetuássemos o pagamento.

Eu criava leitões como um passatempo e estava encontrando dificuldade para vendê-los. Uns poucos dias após haver pago meu dízimo, um homem perguntou-me se poderia comprar sete de nossos porquinhos, e ofereceu a quantia exata de que necessitávamos para o pagamento do terreno.

Preocupe-me então a respeito de como poderíamos continuar pagan-

do ao Senhor. Quero ser um instrumento em suas mãos para fazer o bem e servir a outros.”

Há muito tempo atrás, Élder Lee colocou a Igreja e sua família à frente de sua herança indígena Navajo. Suas novas responsabilidades como membro do Primeiro Quorum dos Setenta, e como presidente

do o dízimo no futuro e decidimos que deveríamos diminuir os gastos com comida e outras despesas, a fim de ter dinheiro suficiente para pagarmos nosso dízimo. Mas em vez disso, o Senhor nos abençoou novamente.

É incomum em meu país ouvir-se falar em aumento salarial, mas logo fui abençoado com um aumento suficientemente grande para me permitir pagar o dízimo e começar a economizar pela primeira vez.

Minha família e eu temos realmente sido abençoados desde que nos unimos à igreja. Estou servindo como segundo conselheiro da Presidência da Estaca Apia-Samoa Oeste, e minha mulher ensina às Lauréis e é organista da Sociedade de Socorro e da Escola Dominical.

Tonga Toutai Paletu’a: “Não Pude Conter as Lágrimas”

Na bênção patriarcal do presidente Tonga Toutai Paletu’a, foi-lhe dito que ele havia “nascido longe das estacas centrais de Sião para um sábio propósito . . . a fim de avançar o trabalho sobre a terra e servir a seus

da Missão Arizona-Holbrook, proporcionarão a ele e à irmã Lee ainda maiores oportunidades de ajudar nossos irmãos e irmãs a voltarem à luz do evangelho.

Lawrence Cummins, editor associado da revista Friend, serve como secretário assistente da Ala Stratford Leste, Estaca Salt Lake Highland.

companheiros.” Desde a época em que se filiou à Igreja em 1942, isto tem sido um padrão em sua vida.

Por muitos anos, o Presidente Paletu’a ensinou nas escolas do governo, em Tonga. Então, em 1955, começou a ensinar nas escolas da Igreja. Logo se tornou chefe do Departamento de Religião das escolas da Igreja em Tonga, onde serviu até 1974, também servindo como presidente de Estaca. Na época, foi chamado pelo presidente Spencer W. Kimball para ser presidente da missão Tonga Nuku’alofa. Quando escutou o presidente Kimball ao telefone, o presidente Paletu’a diz, “esta experiência encheu meu coração e alma e não pude conter as lágrimas. Eu podia sentir isso em toda minha pessoa — foi confortante.”

O presidente Paletu’a presta testemunho de que “Sei, sem dúvida, que o Livro de Mórmon é uma segunda testemunha do Salvador, o Filho de Deus, Jesus Cristo, o cabeça desta Igreja. O Livro de Mórmon contém a plenitude do evangelho e a verdadeira história de meus ancestrais. Eles foram chamados Tonganeses pelos homens, mas fico orgulhoso quando uso o nome que nos foi dado pelo Senhor — Lamánitas. Minha pele pode ser marrom e escura na cor, mas sei, com certeza, que meu sangue é puro e perfeito, pois é o sangue de Néfi, Léhi, José, Jacó, Isaac, e Abraão.

“É meu objetivo fazer com que meus irmãos comam da Árvore da Vida como meu ancestral Léhi desejou para seus filhos (1 Nefi 8:35-36.) Desejo que meu povo coma desta árvore, desejo que haja um Livro de Mórmon em cada lar nesta terra, e no de todos os filhos de Léhi, os mais nobres e os mais humildes, a casa de Israel, os amados filhos de nosso Pai Celestial, para juntá-los todos em Sião.”

A história dos primórdios da Igreja restaurada apresenta um aparente paradoxo no interesse dos líderes da Igreja pelos Índios Americanos e o grande grupo de nações lamanitas. Este interesse parece, à primeira vista, desproporcional em relação a qualquer significado possível que esse povo pudesse ter no desenvolvimento e destino da Igreja.

O ponto de vista dos primeiros líderes da Igreja com

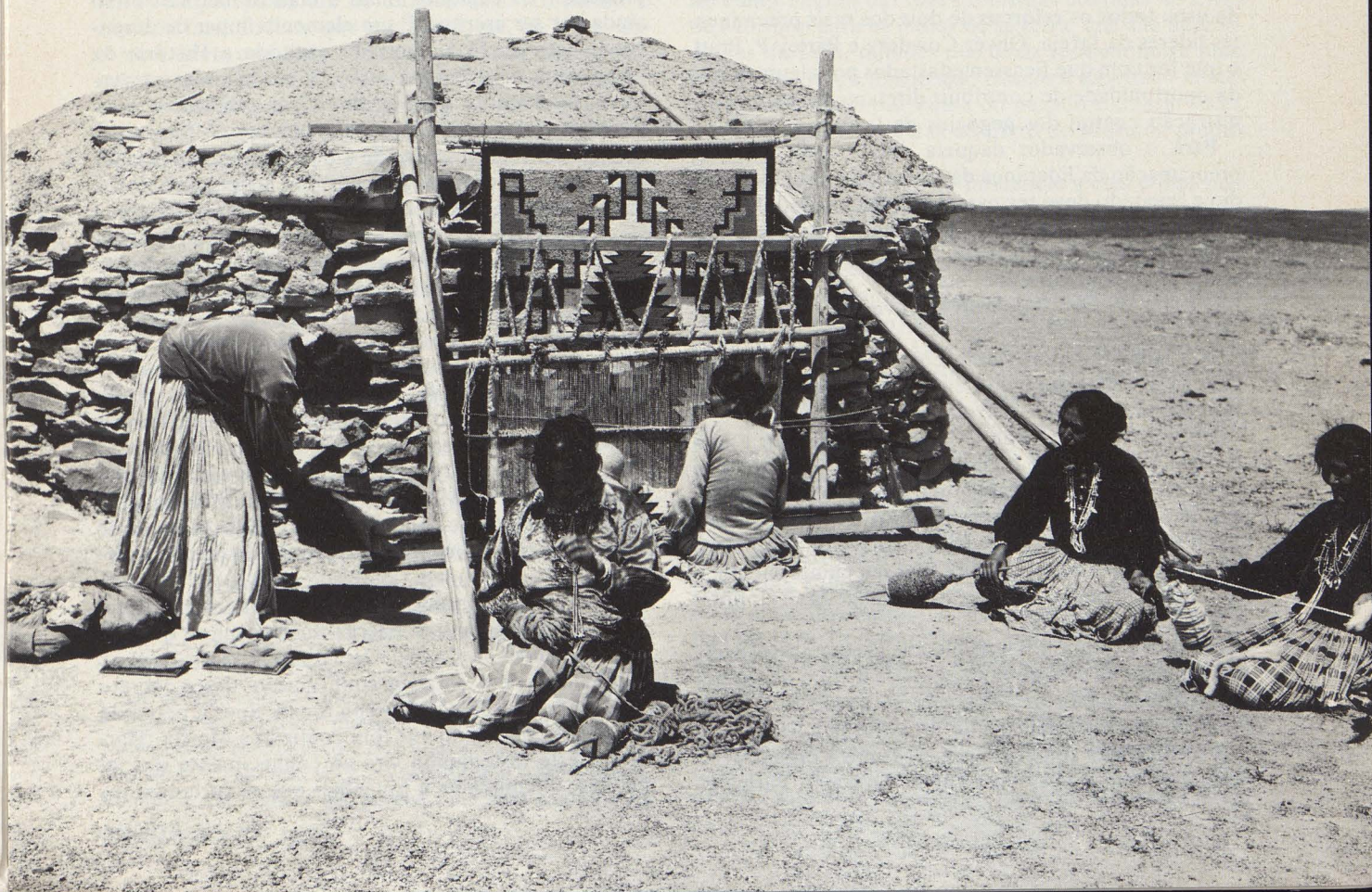
relação aos lamanitas dos últimos dias era otimista e completamente contraditório às opiniões que prevaleciam na época. Em dias em que os Índios Americanos eram considerados como "americanos em extinção", quando recompensas eram realmente oferecidas pela sua destruição em alguns estados e territórios, os líderes da Igreja prediziam um ilustre futuro para eles.

Quando a Igreja recentemente formada lutava para estabelecer a si própria e necessitava muito de expe-

Destinos Combinados,

OS LAMANITAS E OS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS

Dean L. Larsen.





riência e qualidade dos líderes, sua primeira expedição missionária oficial foi dirigida, paradoxalmente, não aos centros de população com grandes perspectivas, nos estados do nordeste dos Estados Unidos, mas às tribos semi-civilizadas nas terras do oeste. Esta empreitada usou todos os esforços de dois dos mais preeminentes líderes da Igreja, Oliver Cowdery e Parley P. Pratt, o que fez com que ficassem afastados por algum tempo da oportunidade de contribuir diretamente para administração central dos negócios da Igreja.

Para o observador daquela época, esta aparente preocupação da liderança da Igreja com um povo arreado e rejeitado deve ter parecido ilógica e fútil. Mesmo alguns oficiais do sacerdócio reconheceram que os esforços missionários da Igreja entre os lamanitas apresentavam um desafio para sua fé.

O Élder Wilford Woodruff escreveu em 12 de janeiro de 1873;

“Os lamanitas florescerão como a rosa nas montanhas. Quero dizer aqui que, embora creia nisso, quando vejo o poder do país destruindo-os da face da terra, o cumprimento dessa profecia é talvez mais difícil para mim de acreditar que qualquer revelação de Deus que eu tenha jamais lido. Parece-me que não serão deixados os suficientes para receberem o Evangelho; mas, não obstante este negro quadro, cada palavra que Deus já pronunciou a respeito deles terá seu cumprimento, e eles, pouco a pouco, receberão o Evangelho.” (Journal of Discourses, 15; 282.)

Embora o futuro dos lamanitas se apresentasse incerto e obscuro há cem anos atrás, a fé e a visão de Joseph Smith e seus sucessores com relação a esse povo escolhido do Senhor estão dando seus frutos hoje.

A história que começa seis meses após a organização da Igreja, com a missão de Oliver Cowdery, Parley P.

Pratt, Peter Whitmer e Ziba Peterson aos Lamanitas é verdadeiramente fascinante.

O escopo desta história é cheio de grande esperança, frustrações, paciência perseverante e progressivo cumprimento. Os capítulos finais e mais dramáticos estão ainda por ser escritos. É um elemento ímpar de desenvolvimento da fé encontrado em toda a História da Igreja. Seus fundamentos estão, de modo muito interessante, interligados com as proféticas promessas trazidas através dos anos desde os dias do Antigo Testamento — para o remanescente de um povo com o qual o Senhor fez convênios irrevogáveis. Em alguns aspectos, a missão dos élderes Cowdery, Pratt, Whitmer e Peterson foi o prólogo de um drama profético que tem profunda importância no trabalho de redenção a ser feito pelo Senhor e seus servos nesta, que é a dispensação culminante do Evangelho.

Os Santos dos últimos dias que compreendem a origem e o conteúdo do Livro de Mórmon, não deverão ter grandes dificuldades para compreender por que Joseph Smith estava tão intensamente interessado em iniciar o trabalho de redenção entre os lamanitas de seus dias. Ele havia traduzido as placas de ouro da página-título do Livro de Mórmon. Esta página-título inclui a seguinte declaração, que deve ter ficado gravada de modo indelével na mente e no coração do jovem profeta:

“Este livro é, portanto, um resumo dos anais do povo de Néfi e dos lamanitas. Escrito aos lamanitas, que são remanescentes da Casa de Israel . . .”

O Senhor dera enfática confirmação deste decreto em uma revelação para Joseph Smith, após a perda do manuscrito traduzido que fora confiado a Martin Harris: “E este testemunho virá ao conhecimento dos lamanitas, e lemuelitas e ismaelitas, que se tornaram in-

crédulos devido a iniquidade de seus antepassados . . .

E para este fim especial, estas placas, contendo esses anais, foram preservadas.” (D&C 3:18-19.)

Pensem na obrigação que Joseph deve ter sentido para com aqueles que preservaram os registros nefitas-lamanitas. O propósito e destino de sua própria vida tornaram-se tão interligados à deles, que eles lhe pareceram como seus próprios contemporâneos. Imaginem, então, como sua consciência deve ter ponderado sobre as palavras de advertência de Néfi:

“Então os remanescentes de nossa descendência serão instruídos a nosso respeito; de como saímos de Jerusalém e de que são descendentes dos judeus.

E o Evangelho de Jesus Cristo ser-lhes-á anunciado; e serão, portanto, restaurados no conhecimento de seus pais, como também no conhecimento de Jesus Cristo, tido por seus pais.” (2 Néfi 30:4-5.)

O clamor cheio de emoção de Enos deve também ter deixado profundas impressões em Joseph Smith:

“E depois de ter eu Enos, ouvido estas palavras, minha fé no Senhor começou a ser inabalável; roguei a ele com muito empenho por meus irmãos, os lamanitas.

Eu tinha fé, e roguei ao Senhor que conservasse os registros; e ele fez convênio comigo de que os daria aos lamanitas em seu próprio e devido tempo” (Enos 11;16.)

A mais impressionante consideração do próprio Morôni, quando fez seus últimos lançamentos no registro de seu povo foi para com os lamanitas que continuariam nas terras de sua posse até os últimos dias. Ao iniciar o capítulo final do livro que leva seu nome, ele torna claro para quem está dirigindo os preciosos desafios e promessas, que agora tão livremente aplicamos a todos os que recebem uma oportunidade de ler o Livro de Mórmon: “E agora eu, Morôni, escrevo algo que me parece bom; e escrevo para meus irmãos, os lamanitas . . .” (Morô. 10:1.)

Joseph Smith não teve muitas oportunidades, de pessoalmente ensinar os descendentes dos povos do Livro de Mórmon. Em certa ocasião, todavia, foi visitado pelo chefe indígena Keokuk. Corria o verão de 1841, em Nauvoo. Keokuk estava acompanhado por Kiskukosh, Appenoose, e cerca de cem chefes e bravos das tribos Sac e Fox, juntamente com suas famílias. O Élder B. H. Roberts relata-nos o seguinte a respeito desta visita:

“O Presidente Smith discursou um tanto longamente aos índios, a respeito de o que o Senhor lhe havia revelado concernente aos seus ancestrais, e citou-lhes as promessas contidas no Livro de Mórmon sobre deles . . . Como seus corações devem ter-se elevado à medida que escutavam o profeta relatar-lhes a história de seus antigos pais — sua ascensão e queda; e as promessas que foram guardadas para que eles se redimissem de seu estado decaído!”

De acordo com o Élder Roberts, Keokuk respondeu a Joseph da seguinte maneira: “Tenho um Livro de Mórmon em minha tenda, que você me deu há algumas luas atrás. Creio que você é um grande e bom homem. Keokuk é um homem que parece rude, mas sou filho do

Grande Espírito. Escutamos seu conselho. Pretendemos abandonar as lutas, e seguir as boas coisas que você nos falou.” (A Comprehensive History of the Church of Jesus Christ of Latter-Day Saints, 2:88-89.)

Alguns dos primeiros esforços missionários levados a efeito fora dos Estados Unidos da América e Canadá foram dirigidos aos povos lamanitas. Em 1844, uma missão foi aberta nas Ilhas Society. Os missionários foram banidos dessas ilhas em 1852 pelo governo francês, mas autorizados a retornar em 1892.

A missão ao Havai foi aberta em 1850, e vários anos depois, o trabalho estendeu-se aos lamanitas na Nova Zelândia. Todas essas missões provaram-se muito produtivas.

Em 1851, os primeiros missionários vieram para a América do Sul. Os élderes Parley P. Pratt e Rufus Allen aportaram em Valparaíso, Chile, e encontraram os canhões da guerra civil soando naquele país. Não foi estabelecida uma missão definitiva, e os esforços missionários na América do Sul tiveram que ser postergados até o ano de 1925, quando o élder Melvin J. Ballard, acompanhado pelos élderes Rulon S. Wells e Rey L. Pratt ajoelharam-se num bosque de árvores orvalhadas na cidade de Buenos Aires, Argentina, e dedicaram a terra da América do Sul para a pregação do Evangelho. Em sua oração, o Élder Ballard fez esta referência ao trabalho que seria feito entre os lamanitas nas terras sul-americanas:

“E também oramos para que possamos ver o início do cumprimento das tuas promessas contidas no Livro de Mórmon para os índios desta terra, que são descendentes de Léhi, milhões dos quais residem neste país, que têm há longo tempo sido pisados e suportado muitas aflições e sofrem por causa do pecado e transgressão, mesmo como os profetas do Livro de Mórmon predisseram . . .

“Ó Pai, que teu espírito influencie a eles e lhes manifeste a verdade desta coisas, quando nós e teus servos que nos seguirem prestarmos o testemunho de tuas preciosas promessas a este ramo da Casa de Israel.”

No registro feito destes acontecimentos, o Élder Ballard acrescentou esta nota: “Cada um dos irmãos falou brevemente . . . Eles abençoaram-se mutuamente e sentiram que, como resultado da abertura desta missão, muitos europeus nesta terra receberiam o evangelho; mas que, por fim, o grande trabalho da missão seria para os Índios. Este foi um dia histórico”. (Sermons and Missionary Services of Melvin J. Ballard, por Bryant S. Hinckley, Deseret Book Co., 1949, pp. 96-97.) Na conferência semi-anual de outubro de 1879, três missionários foram chamados para abrirem uma missão na Cidade do México. Uma tentativa anterior de se abrir uma missão no México não fora bem sucedida (em 1876). Interrupções no trabalho ocorreram ainda nos anos seguintes, como conseqüência do período revolucionário no México. Entretanto, as missões no México estão agora entre as mais bem sucedidas no mundo, e uma grande porcentagem daqueles que se tornaram membros da Igreja, no México podem afirmar ter seus antepassados no Livro de Mórmon (serem

lamanitas). No recenseamento de 1960, verificou-se que mais de 26 milhões de pessoas daquele país naquela época tinham ascendência indígena.

Embora muitos outros esforços missionários entre os lamanitas das Américas do Norte e Sul e das ilhas do Pacífico tenham sido muito bem sucedidos através dos anos, talvez os eventos mais dramáticos no trabalho da Igreja entre os lamanitas tenham ocorrido durante os últimos vinte anos. Muitos dos mais recentes desenvolvimentos foram motivados em larga escala pelo trabalho do Presidente Spencer W. Kimball, que por vários anos esteve à frente do Comitê da Igreja para os índios.

Um extenso sistema educacional foi desenvolvido através do Pacífico e do México, América Central e América do Sul. Perto de 16 000 alunos freqüentam escolas operadas e mantidas pela Igreja no Chile, Peru, Bolívia, Paraguai, México, ilhas Fiji, Nova Zelândia, Samoa Ocidental, Tahiti e Tonga. A grande maioria desses alunos são descendentes de lamanitas. Eles estão recebendo oportunidades para desenvolver talentos e habilidades de liderança que alicerçarão o grande crescimento da Igreja que deverá ainda ocorrer nessas mesmas áreas.

Além desses jovens que freqüentam as escolas nas localidades anteriormente mencionadas, mais 13 000 estão matriculados nas aulas do Seminário, ao mesmo

tempo em que freqüentam escolas públicas e federais, nos Estados Unidos e Canadá. Perto de 1 500 deles freqüentam a Universidade de Brigham Young em seus campus de Provo, Utah, e em Laie, no Havai. Hoje há mais de trinta estacas da Igreja organizadas em áreas com número de membros predominantemente lamanitas. O trabalho missionário prospera entre esse povo mais que nunca. Estima-se que haja atualmente cerca de 350 000 membros da Igreja com ascendência lamanita; este é um número que indica um pouco mais que 10% do total dos membros da Igreja no mundo todo.

A fim de mais amplamente apreciarmos a natureza profética deste trabalho, devemos voltar nossos olhos novamente às predições inspiradas no Livro de Mórmon. O próprio Salvador disse aos antepassados dos lamanitas dos dias de hoje, quando ministrou a eles no continente americano: "E nesse dia começará a obra do Pai, quando este Evangelho for pregado aos remanescentes deste povo. E em verdade vos digo que nesse dia a obra do Pai começará entre todos os dispersados de meu povo, sim, inclusive as tribos perdidas que o Pai tirou de Jerusalém. (3 Néfi 21:26.)

Citando as palavras de Isaías, o Mestre continuou:

"Porque os montes desaparecerão, e os outeiros serão removidos; mas a minha misericórdia não se apartará de ti, nem será retirado o convênio de meu povo, diz o Senhor, que se apiada de ti." (3 Néfi 22:10.)

O Élder Wilford Woodruff expressou dificuldade em aceitar essas profecias há um século atrás, conforme já citado. À luz dos recentes progressos de nossos dias, todavia, não parece tão difícil ver-se como a mão do Senhor tem estado e está-se movendo para restaurar os descendentes dos povos do Livro de Mórmon ao seu lugar entre as tribos de Israel. A fé que possuíam nossos primeiros irmãos está dando frutos.

Muito embora passos importantes tenham sido dados, o dia dos lamanitas está ainda na aurora. Um grande trabalho está ainda por ser feito pelo povo do Senhor, a fim de cumprir todas as profecias do Livro de Mórmon e dos Líderes da Igreja dos Últimos Dias. Há uma linha profética que une os destinos das nações lamanitas e os Santos dos Últimos Dias. Gentios e lamanitas que atentarem às palavras de Deus terão promessas semelhantes. Com relação aos nossos dias, quando a restauração do Evangelho ocorreria entre os povos gentios que possuíam esta terra, o anjo do Senhor disse a Néfi: "E sucederá que, se os gentios escutarem ao Cordeiro de Deus, no dia em que ele se manifestar a eles por suas palavras e também por seu poder e verdade, até remover os obstáculos nos quais tropeçam — e se não endurecerem os seus corações contra o Cordeiro de Deus, serão contados entre a semente de teu pai; sim, serão contados entre a Casa de Israel; e serão um povo abençoado eternamente, na terra da promessa, e não mais levado em cativo. E a casa de Israel não será mais confundida." (1 Néfi 14:1-2.)

Dean L. Larsen é diretor das Revistas da Igreja e dos Materiais de Instrução para a Igreja e também serve como Representante Regional dos Doze.



Perguntas e Respostas:

Alguns de meus amigos acham que a gente pode beber água enquanto está fazendo jejum. Está Certo?

Russell M. Nelson,
Presidente da Junta Geral
da Escola Dominical.



O Jejum é um assunto estritamente pessoal, feito com um propósito específico na mente de quem o faz. Portanto, o propósito do jejum e as considerações especiais do indivíduo envolvido governam sua motivação e natureza.

A maioria de nós jejuava em função da nossa condição de membros da Igreja e de sua lei do jejum. Falando de modo geral, há três propósitos. Primeiramente, destina-se a aumentar a humildade e a espiritualidade do indivíduo que jejuava. Segundo, é usado para prover auxílio aos necessitados pelas contribuições de ofertas de jejum, equivalentes ao valor do alimento que não foi consumido. Em terceiro lugar, benefícios de ordem física podem sobrevir a cada um pessoalmente.

No Manual Geral de Instruções (nº 21 1 976, pp. 91-92), lemos: "A observância correta do jejum mensal consiste em se ficar sem alimento e bebida por duas refeições consecutivas, comparecer à reunião de jejum e testemunho, e fazer uma oferta generosa ao bispo, a qual se destinará ao auxílio daqueles que estão passando necessidades. Esta oferta generosa é a oferta de jejum"

Assim, o uso da água está excluído neste tipo de jejum.

Agora, uma palavra de advertência — alguns enganosamente argumentam que, se um pouco de alguma coisa é bom, muito será melhor. A inconveniência do jejum excessivo foi explicada com detalhes no Boletim do Sacerdócio de junho de 1972: "Fomos informados de que alguns . . . entregam-se a jejuns excessivos. Não é aconselhável que façam isso. Se houver alguma razão especial por que devam jejuar, deverão fazê-lo por um dia, e então dirigirem-se ao Senhor humildemente e pedir suas bênçãos, que isto será suficiente." Além disso, Joseph F. Smith sabiamente aconselhou: "Muitos estão sujeitos a fraquezas, outros têm a saúde delicada, e outras têm bebês para amamentar; de tais não se requer o jejum. Nem devem os pais compelir suas crianças pequenas a jejuar." (Doutrina do Evangelho, p. 244.)

A oferta generosa ao bispo é entendida como sendo o equivalente em dinheiro de pelo menos duas refeições. Uma doação liberal assim feita e dedicada ao pobre é enobrecedora da alma e ajuda a pessoa a desenvolver a caridade, um dos grandes atributos de um caráter humano nobre. (Ver 1 Cor. 13.)

Os benefícios pessoais que advêm do jejum são im-

portantes. As escrituras nos contam de certa casta de demônios que não é expulsa, exceto pelo jejum e oração. (Ver Mateus 17:21.) A supremacia do espírito sobre os apetites do corpo é fortalecida pela disciplina mental do jejum. Esta força nos dá segurança para combatermos outras tentações sujeitas ao apetite carnal que, se não controladas, serão destruidoras de nosso bem-estar. Enquanto alguns possuem condições físicas que não recomendam o jejum, a maioria das pessoas não está isenta de fazê-lo. Para mim, um período de jejum bem sucedido, completo, sem comida e bebida, nos dias de jejum, traz mais um grau de autoconfiança.

O Jejum é uma real evidência para a própria pessoa e para seu Criador, de gratidão pelo dom de saúde e força que permite a capacidade de jejuar. Certamente, é um grande privilégio e uma bênção.

Ouvimos muito a respeito de laços familiares na vida futura, mas será possível para nós nos associarmos com nossos amigos lá também?



Harold Glen Clark, ex-presidente do templo de Provo.

O primeiro "lugar depois daqui" para onde todos iremos, quando morreremos, será o mundo dos espíritos sem corpo (Alma 40:11). Nesse lugar, nossos parentes e amigos poderão conversar juntos sob certas circunstâncias mais ou menos semelhantes às que temos aqui na terra. (Ensinamentos do Profeta Joseph Smith, p. 353.)

Este mundo espiritual é um lugar de espera, trabalho, descanso e aprendizado.

Ali muitos de nós residiremos até que estejamos prontos para nossa ressurreição, nossa final redenção e julgamento. Quando finalmente sairmos desse mundo espiritual e suas experiências, iremos para a habitação final e eterna do homem. Esta habitação será naquele reino por cujas leis houvermos vivido. Será chamado o nosso descanso "depois daqui". (D&C 76:89, 107-112.)

Quem então, se associa com quem nessa primeira parte da nossa vida após a morte - o mundo espiritual?

A Bíblia nos conta que o espírito de Jesus foi ao mundo espiritual após morrer na cruz. O ladrão penitente que morreu na cruz na mesma hora foi informado de que estaria naquele dia, com Jesus, no paraíso. (Lucas 23:42,43.) Daí, deduz-se que os justos, os não tão justos, e os verdadeiramente injustos irão todos para o mesmo mundo espiritual. Este mundo tem diferentes locais de habitação. Por exemplo, os desobedientes nos dias de Noé, foram para esse mundo. Pedro nos conta que, depois de Cristo haver sofrido a morte e seu corpo ter sido colocado na tumba, ele foi a esses espíritos que estavam em prisão, e pregou a eles. (1 Pedro 3:18-20; 4:6; Doutrina do Evangelho, pp. 472-76; D&C 76:73-74.)

Sabemos então que os justos podem-se associar aos

justos no mundo espiritual, e também visitar os amigos e ensinar-lhes o evangelho isto aos, que não tenham vivido tão retamente. Todavia, os injustos não podem vir até onde os justos habitam. Há um impedimento ou um confinamento de nossos amigos que foram desobedientes ou maus até o tempo em que vierem a mostrar fé em Cristo, arrependem-se, aceitarem o batismo vicário, e se tornarem dignos de um lugar melhor que a prisão. O Presidente Joseph F. Smith disse que teve uma visão dos espíritos em prisão que foram apanhados no dilúvio nos dias de Noé. Eles eram visitados por fiéis portadores do sacerdócio que lhes ensinavam o evangelho. O trabalho do templo para os desobedientes e outros devia ser feito aqui na terra. Assim, eles teriam uma oportunidade de aceitar ou rejeitar esse voto de confiança e as necessárias ordenanças de Deus.

A resposta à pergunta a respeito de nossas amizades nesse mundo espiritual é que os justos que morrerem têm o privilégio de uma associação mais ampla no mundo espiritual que aqueles que não viveram tão retamente. Poderemos associar-nos aos nossos amigos para bons propósitos, se houvermos sido retos. Os injustos podem, através da fé no Senhor Jesus Cristo, arrependimento e boas obras, incluindo-se a aceitação do batismo vicário, quebrar as cadeias do mal e se unirem a um círculo de amizades mais retas no mundo espiritual. Até que isso ocorra, eles ficarão confinados num estado determinado.

Quando passarmos do mundo espiritual para a habitação final, após nossa ressurreição, todos nós teremos um lugar fixo para morar. Aqueles que merecerem a plenitude daquilo que o Pai nos céus ofereceu através do evangelho na terra e no mundo espiritual, habitarão pessoalmente com ele no mais alto reino da glória celestial. Aqueles que merecerem um reino menor que este, não poderão jamais habitar em sua presença. Se nossos amigos estiverem num reino menor e nós estivermos habitando na presença de Deus, poderemos visitá-los e ministrá-los, mas eles não poderão vir, mundos sem fim, ao lugar onde nosso Pai Celestial habita. (D&C 76:77-88, 109-112.) O limite final das associações daqueles que estão nos reinos inferiores, deixa-nos o perturbador pensamento de que nossas atitudes e sentimentos realmente nos controlam. Nossos atos condicionam o que pensamos e, conseqüentemente, determinam quais são aqueles com quem estaremos na eternidade. Os sentimentos que temos nesta vida não mudarão por causa de nossa morte. Onde quer que estejamos, é necessário o auto-esforço para a edificação do caráter. Não existe uma estrada fácil para a fé, o arrependimento, e as boas obras. (Alma 34:34.)

Quão importante é esta fração de tempo que habitamos sobre a terra! Estes confinamentos ou liberdades, a respeito dos quais falou o Senhor, são naturais. Nossas atitudes e ações dão-nos o vigor ou espírito que condiciona e determina nosso estado, muito mais do que paredes de pedra. Este espírito nos liberta, faz-nos indiferentes, ou nos prende. Por exemplo, o profeta Mórmon diz que aqueles que forem imundos, sentir-se-ão muito mais miseráveis tentando viver com os santos e justos, do que associando-se aos que são imundos. (Mórmon 9:4.)

Parece bem natural que nos sentiremos mais à von-

tade e felizes com aqueles com quem temos muito a compartilhar. É semelhante ao tipo de associações que temos aqui na terra. (D&C 130:2.) Os astronautas conseguem mover-se sem conforto por um tempo limitado em circunstâncias desagradáveis sobre a lua, e ficam sempre felizes quando de volta à terra.

Cristo nos contou a respeito do laço que une a verdadeira amizade. Ele falou naquele dia quando foi interrompido em uma conferência com seus discípulos, por um aviso de que sua mãe e seus irmãos o estavam procurando: "Quem é minha mãe e meus irmãos?", disse ele. Então, olhando para seus discípulos diante dele, disse: "Eis aqui minha mãe e meus irmãos! Porquanto qualquer que fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, e minha irmã, e minha mãe." (Marcos 3:31-35.) Embora tenhamos relações consanguíneas juntamente com obrigações para com nossos semelhantes, não nos tornaremos irmãos e irmãs eternos e, permitam-nos acrescentar, verdadeiros amigos, *até que façamos a vontade de nosso Pai nos céus*. Fazer a sua vontade é o laço que ata as amizades eternas com Deus e os mais nobres de seus filhos.

Com relação às famílias "depois daqui", a unidade familiar é ordenada por Deus e tem o potencial para o círculo mais largo e a mais alta espécie de amizade e amor. Somente um casamento fiel no templo pode trazer a plenitude da amizade. Somente através dos privilégios e obrigações da verdadeira vida familiar, pode alguém herdar o mais alto grau de amizade e glória no reino celestial (D&C 132: 19-24.) Nosso Pai é nosso maior amigo. Ele é o Pai de nossos espíritos. Nós, portanto, temos uma mãe de nossos espíritos e irmãs e irmãos espirituais. Para sermos semelhantes a ele, nós também devemos ser pais e mães, casados em seu santo Templo, da maneira como ele estabeleceu. Vivendo da maneira que Deus nos disse para viver em família, significa termos o maior número possível de bons amigos e boas coisas para conversar a respeito e compartilhar eternamente.

A amizade é, então, um grandioso princípio fundamental da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, designada, disse o Profeta Joseph Smith, "a civilizar o mundo e fazer com que cessem as guerras e as contendas, e os homens se convertam em amigos e irmãos." O maior amigo é o que possui alguma coisa boa e eterna e compartilha com outros. O Profeta também disse: "se ele é meu amigo, um verdadeiro amigo, serei seu amigo, pregar-lhe-ei o evangelho da salvação e dar-lhe-ei bons conselhos." (Ensinamentos do Profeta Joseph Smith, p. 308.)

A verdade é que nenhum de nós poderá jamais ser salvo ou ser verdadeiramente feliz ou perfeito, sem fazer tudo o que pudermos para trazer o evangelho ou a vontade de nosso Pai aos nossos amados e nossos amigos, vivos ou mortos. (D&C 128:18.)

Parte disso inclui o trabalho que podemos fazer apenas nos templos de Deus. Pensem no círculo que se alarga cada vez mais com nossos amigos que vencem a escuridão e a incredulidade aqui, ou "depois daqui", porque nós os trouxemos à fé em Jesus Cristo! Que amigo é aquele que traz boas novas, esperança, consolo e sábios conselhos que levam um indivíduo à vida eterna com nosso Pai nos céus!





Uma História Verdadeira

Alice Stratton. Ilustrado por Sherry Thompson

Senti a coisa mais estranha deste mundo, quando toda a família saiu para a Igreja sem mim. Minha mãe e meu pai não fizeram nem a metade do “show” que eu esperava, quando, quase na hora de sair, eu anunciei: “Não quero assistir à reunião hoje”.

“Oh!” minha avó disse, levantando a sobrancelha.

“Por que não? Está doente?” perguntou minha mãe.

“Mais ou menos”, respondi. “Estou ficando doente de ouvir aqueles discursos maçantes e longos.”

“Bem, parece que temos apenas uma Mórmon de tempo parcial”, aduziu Papai.

“Não sou uma Mórmon de tempo-parcial”,

proteste. "Sou mórmon o tempo todo".

"Seu testemunho parece-me um tanto incerto para mim", respondeu Papai.

"O que tem a ver o testemunho com ir-se à Igreja todas as vezes?" perguntei.

"Tudo", minha irmã Laura emendou "em cima". "Se uma pessoa sabe que o Evangelho é verdadeiro, ela tentará fazer o que deve".

"Você está fazendo sermão", objetei.

"O que você vai fazer, enquanto estivermos na Igreja?" perguntou a mamãe.

"Vou brincar com Joyce e Joan e suas primas."

"A reunião termina por volta de cinco horas. Você poderá brincar com elas depois", sugeriu Mamãe.

Todos me olhavam como se eu tivesse duas cabeças... Eu estava aborrecida. Não poderia ser diferente apenas uma vez?! Eu conhecia um bocadinho de crianças que não tinham de ir à Igreja, e seus pais também não iam.

"Se esperarmos até a reunião terminar, não poderemos acabar nossa cabana lá perto do rio", expliquei.

Sacudindo a cabeça, Mamãe suspirou: "Então Papai tem razão. Nós temos mesmo uma Mórmon de tempo parcial na família".

Sentindo-me ofendida, perguntei: "Como assim?"

"Pense um pouquinho a respeito", respondeu ela.

Finalmente minha família foi para a igreja sem mim. Imediatamente eu quase corri atrás deles, enquanto atravessavam o portão, mas aí ouvi Laura dizer: "Ela não vai perder a reunião de verdade. Ela nos alcançará antes de chegarmos à esquina."

"Muito bem! eu mostro a ela!" pensei.

Para evitar qualquer fraqueza minha, troquei de roupa imediatamente, vestindo minha camisa velha e calça rancheira. Joan e as outras já estavam-me chamando da cerca.

Tive uma vontade louca de gritar: "Eu não vou!". Ao invés disso, encontrei-me com elas no portão.

Normalmente era emocionante ir ao rio, mas hoje não foi. Ainda havia tempo para mudar de idéia e ir à Igreja com minha família, pois que eles sempre iam cedo. Enquanto eu estava lá, parada, tergiversando, Joyce perguntou: "Bem, o que está perturbando você? Seu gatinho morreu, ou algo assim?"

"Claro que não... bobagem. Vamos!" respondi decisivamente.

Eu não estava com muita vontade de conversar, de sorte que corri na frente, fazendo com que as outras garotas disputassem para me alcançar. Quando chegamos ao rio, estávamos sem fôlego.

"O rio! Grande coisa!" pensei. "Não é nada mais que escorregar através da areia e das rochas, e eu

pensei que seria um 'programão'!"

O sol mostrava-se realmente quente, e minhas roupas já estavam grudadas, e uma pedra incomodara em meu sapato. De repente, Joyce gritou: "Oh, vejam! Alguém cavocou dentro de nossa cabana."

Com efeito! Todo nosso duro trabalho de cortar e arrumar os ramos de salgueiros estava perdido. A cabana era um desastre.

Desanimada, encostei-me ao tronco de uma árvore, e tirei a pedra do meu sapato. Uma vespa que não queria ser chutada junto com a pedra, zumbiu nos meus ouvidos.

"Quem liga para uma cabana de salgueiros?" perguntei, meio sem graça.

Indignada, com as mãos na cintura, Joan ficou diante de mim. "Vejam só! Alguma coisa está perturbando você. O que é? Você era uma das que mais davam importância à cabana."

"Ah, eu estou bem" disse, "apenas tenho uma coisa em que estou pensando, tá? Por que vocês não se esquecem de mim um momento e vão se divertir um pouco?"

"O.K. Vamos deixar a boba alegre sentada aí cozinhando ao sol", exclamou Joan. "Quem chegar por último ao rio é um bobão!"

Podia-se ouvir um grande alarido, com as meninas tirando sapatos e meias, e depois fui deixada sozinha.

Sentei-me e pensei.

Se eu necessito de um testemunho, seria melhor fazer alguma coisa a respeito disso. Toda minha vida tenho ouvido as pessoas se levantarem na Igreja e dizerem as coisas pelas quais são gratas. Ser grato é importante. Nosso Pai Celestial não vai querer nos abençoar, se não formos agradecidos. Mas um testemunho deve ser mais que isso.

Eu estava quebrando a cabeça com o pensamento.

Quando Joseph Smith foi ao bosque para orar, ele viu o Pai e o Filho. Então, teve um testemunho. Ele sabia que Jesus Cristo era o filho de Deus.

Quente como estava aquele dia, aquele pensamento fez minha pele sentir como que espinhos, e eu tremi.

Na escola dominical, tínhamos falado a respeito de um anjo de Deus descendo e mostrando as placas de ouro às Três Testemunhas do Livro de Mórmon. Assim, é claro, eles tinham testemunhos.

Mas eu nunca havia visto um anjo ou uma luz, ou ouvido qualquer voz dos céus. Dessa forma, essa era provavelmente a razão por que eu me encontrava neste estado triste, sentada na sujeira, diante de uma velha rocha vulcânica, em minhas roupas ainda mais sujas, enquanto minhas irmãs estavam sentadas na Igreja, em seus limpos vestidos rosa e azul, ao lado de Papai, Mamãe e Vovó. Então,

como um raio de luz, o pensamento me atacou! *Ninguém de minha família havia visto ou escutado alguma coisa a mais que eu!*

Recostei-me outra vez naquele tronco, quase a ponto de chorar.

Eu também queria um testemunho! “Por favor, ajude-me, Pai Celestial,” eu orava.

Gradualmente, um sentimento doce, bem doce, me invadiu. Ora, eu *tinha* um testemunho. Sempre o tivera. Se eu reconhecia que Joseph Smith e as Três Testemunhas sabiam que Jesus Cristo é o Filho de nosso Pai Celestial – então, naturalmente, eu também sabia. Que maravilha!

Lágrimas correram pelas minhas faces cheias de areia. “Obrigada, Pai Celestial”, sussurrei.

Corri à beira do rio onde minhas amigas estavam brincando.

“Ei, vocês, venham cá!” chamei, emocionada.

“Ufa, afinal ressuscitou”, disse Joyce. E vieram correndo.

“Vamos, vamos embora para casa. Esta não é a maneira de se passar o Domingo,” disse-lhes.

Timidamente uma das primas disse: “Mamãe e Papai nunca nos deixariam fazer isso em casa.”

“É claro que não”, concordei. “E não viremos mais ao rio nos Domingos. Consertaremos aquela cabana amanhã.”

“Agora a cabana é importante?” perguntou Joan.

“Lógico que é”. “Cabanas de salgueiros são importantes.”

Minha família já estava em casa quando cheguei. Corri e desabafei toda minha infelicidade. Ninguém prestou atenção em mim, exceto Mãe.

“Passaram momentos agradáveis no rio?” perguntou.

“Eu sofri”, respondi.

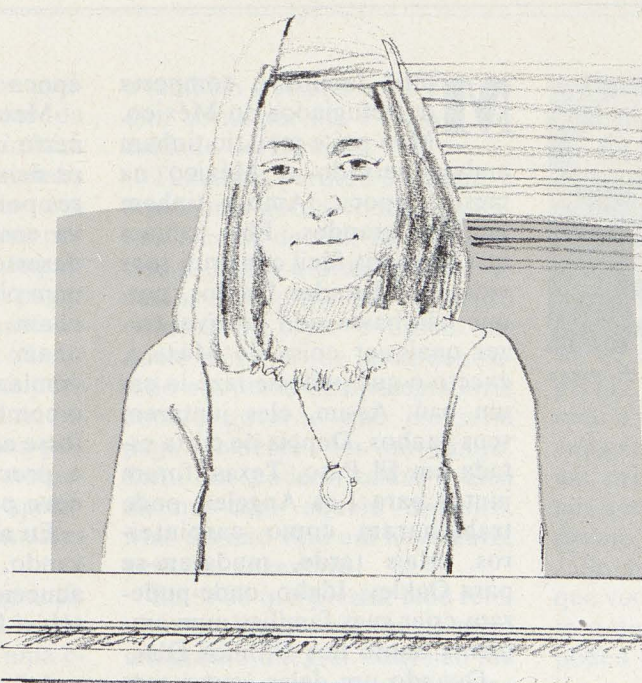
No domingo seguinte, era a reunião de testemunho, e eu tinha reservado uma surpresa para minha família durante toda a semana. Fui a primeira a subir ao púlpito quando chegou a hora de prestarmos testemunhos. Eu sabia exatamente o que iria dizer.

Mas quando olhei para as pessoas na congregação, seus rostos como que se embaçaram. Fui tomada de um pânico repentino. Meu coração disparou e a garganta estava seca. Não consegui lembrar-me de nenhuma palavra do que havia planejado dizer. Sobre o púlpito havia um pedaço de papel com o título do último hino: “Eu sei que vive Meu Senhor”.

Tremendo dos pés à cabeça, respirei fundo e disse: “Oh, que certeza eu tenho de que meu Redentor real e verdadeiramente vive”.

Lágrimas ameaçaram correr-me dos olhos. Temendo que fosse realmente chorar, pude apenas acrescentar: “Em nome de Jesus Cristo, Amém.”

Voltando para o banco, apertei-me entre Papai e Laura. Sua grande mão bronzeada segurou a minha e seu sorriso era largo e caloroso.





HISTÓRIAS DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Sem Antes Preparar um Caminho



Presidente Spencer W. Kimball

Mesmo quando ainda um rapazinho, o Presidente Kimball desejava guardar todos os mandamentos de Deus. Um de seus heróis da juventude era Néfi, o que disse: “Eu irei e cumprirei as ordens do Senhor, pois sei que o Senhor nunca dá ordens aos filhos dos homens, sem antes preparar o caminho pelo qual suas ordens poderão ser cumpridas.” (1 Néfi 3:7.)

Por anos seguidos, o Presidente Kimball teve um registro de frequência 100% na Escola Do-

minical e Primária. Numa segunda-feira, ele estava no campo, em pé sobre o carroção de feno, empilhando o feno para seus irmãos mais velhos, quando o sino da casa de reuniões tocou anunciando a Primária.

“Tenho de ir à Primária”, timidamente sugeriu.

“Você não pode ir hoje; precisamos de você”, eles disseram.

“Bem, o Papai me deixaria ir, se estivesse aqui”, argumentou o rapaz.

“Mas ele não está aqui”, dis-

Pensei Que Poderia Confiar em Você!



Presidente Nathan Eldon Tanner,

Lembro-me muito bem de uma experiência que tive, quando era um garoto de cerca de quatorze anos. Meu pai era um bispo. Houve um falecimento na ala, e ele estava-se preparando para os funerais.

Ele pediu a meu irmão e a mim que fizéssemos algumas

coisas, enquanto ele estivesse fora. Julgamos que ele fosse demorar algum tempo fora, e decidimos cavalgar bezerros antes de cumprir com o que nos havia solicitado. Pensávamos que tínhamos tempo de sobra, mas ele ia para casa, enquanto ainda cavalgávamos os bezerros, e ele nos chamou. Apesar de nun-

Pagar o Dízimo



Presidente Marion G. Romney

Minha família é composta de refugiados do México. Meu pai e meu tio tinham ambos deixado o México na mesma época. Ambos tinham famílias grandes. Eles sabiam que não seria fácil construir suas vidas nos Estados Unidos, porque não havia sido possível trazer qualquer coisa do México, exceto o que pudesse fazê-lo em um baú. Assim, eles juntaram seus ganhos. Depois de curta estada em El Paso, Texas, foram juntos para Los Angeles, onde trabalharam como carpinteiros. Mais tarde, mudaram-se para Oakley, Idaho, onde puderam criar suas famílias num ambiente Santo dos Últimos Dias.

Quando um deles estava sem trabalho, a renda do outro era dividida entre os dois. Foi uma

época difícil para nós.

Meu tio estava sem emprego certo inverno em Idaho. Aquilo os deixava com os oitenta dólares por mês que meu pai ganhava ensinando na escola. Havia dezessete pessoas a sustentar com oitenta dólares por mês. Tinham que pagar o aluguel; tinham que comprar tudo o que comíamos; e tinham que comprar o combustível, a não ser que eu fosse até a encosta da montanha e procurasse por lenha sob a neve para combustível.

Eu me mantinha aquecido cavando, e minha mãe se mantinha aquecida armazenando a lenha sob o fogão.

A questão surgiu no conselho da família: deveríamos pagar o dízimo dos oitenta dólares? Se

seram, “E você não vai”.

As pilhas de feno foram arrumadas ainda mais depressa que antes, literalmente cobrindo Spencer, mas por fim ele terminou; deslizando sem fazer barulho da traseira do carroção, ele já estava a caminho da capela e portanto o seu registro de 100% de frequência foi mantido.

Esta mesma determinação para fazer o que o Senhor queria que fizesse também foi demonstrada em sua vida missionária.

O Presidente Kimball foi um missionário eficiente e ativo. Enquanto estava trabalhando em St. Luis um dia, ele viu através de uma porta parcialmente aberta, um piano novo, e disse à mulher que estava em vias de lhe fechar a porta na cara: “Vejo que vocês têm um novo piano”.

“Sim, acabamos de comprá-lo”, respondeu ela com orgulho.

“É um ‘Kimball’*, não é?” “É meu nome também”, disse, ele, enquanto a porta se abria um pouco mais. “Gostaria de que eu

tocasse e cantasse para a senhora?”

“Certamente, entre”, respondeu ela.

“Caminhando até o piano, ele tocou e cantou, ‘Ó Meu Pai’.

Esta agradável introdução levou a muitas conversas subsequentes a respeito do Evangelho.

*N.T – ‘Kimbal’ é uma conhecida marca de pianos nos Estados Unidos da América.

ca me haver batido, pensei que nesse dia ia levar uma surra. Mas ele apontou seu dedo para mim e disse: “Meu rapaz, eu pensei que poderia confiar em você.”

Aquilo feriu-me profundamente. Posso quase sentir o mesmo hoje, como naquela época.

Coloquei em minha mente a

idéia fixa de que ele nunca mais teria razão para me dizer outra vez: “Pensei que poderia confiar em você.”

Aí então eu decidi também que o Senhor nunca teria uma razão para dizer: “Eu pensei que poderia confiar em Eldon Tanner.” Isso tem-me ajudado grandemente na vida. As coisas que

aprendi enquanto jovem, têm-me ajudado durante toda minha vida.

(De discurso pronunciado na Conferência Geral de Área em Pago Pago, sessão geral, 2 horas da tarde, em 15 de fevereiro de 1976, pelo Presidente N. Eldon Tanner.)

não pagássemos, teríamos quarenta dólares para cuidar da família, e meu tio teria também quarenta dólares. Se pagássemos nosso dízimo, cada família teria apenas trinta e seis dólares por mês. Eu ainda me lembro daquele conselho. Decidimos pagar nosso dízimo; e eu fui enviado ao bispo. Estava frio, e eu não tinha roupas quentes; ficava pensando sobre o que estava acontecendo de errado com meu pai. Mas aprendi daquilo – o treinamento de meus pais – eu aprendi que há verdade nas promessas do Senhor.

Sei que vocês terão um grande sentimento, se viverem a lei do dízimo. Eu me lembro de uma época logo após minha mulher e eu nos havermos casado; eu estava cuidando de meus estudos,

e também trabalhava no correio oito horas por dia e fazia a Faculdade de Direito.

Tínhamos perdido um bebê, e havia uma gorda conta hospitalar. Decidi demitir-me do correio e iniciar a prática de advocacia. Demiti-me em setembro e deixei de pagar o dízimo naquele mês, porque havia depositado um plano de aposentadoria com o governo que me seria pago somente em novembro. Senti que poderia saldar o meu dízimo com aquele dinheiro. Mas ele não veio em novembro, nem em dezembro.

Eu tinha que prestar meu relatório ao bispo e não havia pago um dízimo integral. Mas não me sentia bem com isso, de forma que fiz um registro e paguei o “deficit” em prestações; com ju-

ros de 8%.

Senti-me bem após haver pago. Eu sabia que o Senhor havia entendido e aceitado meu procedimento.

Digo-lhes agora que sei, por minha própria experiência, e lhes presto meu testemunho como um apóstolo do Senhor Jesus Cristo – uma testemunha especial, que sou feliz em dizer a todo o mundo sob quaisquer circunstâncias – que há uma paz, um conforto e uma certeza que nos vêm quando pagamos nosso dízimo honesta e liberalmente.

Se houver uma ocasião em que vocês não saibam exatamente o quanto devem, paguem um pouco mais.

É melhor pagar a mais que a menos.



Meninão do Cerrado

por Murray T. Pringle.

Quando a linha telegráfica de 960 quilômetros foi pela primeira vez edificada na África do Sul, há alguns anos atrás, tinha funcionado apenas por uma hora, quando problemas surgiram. Ao escritório central de Nairobi, chegou um relatório que informava que parte da linha estava fora de funcionamento.

Um par de reparadores da companhia preparou-se para investigar. Eles embrulharam suas ferramentas, colocaram seus cinturões e apanharam pistolas de grosso calibre. Um terceiro homem no escritório, um velho e experiente caçador, olhava a atividade daqueles homens com certo divertimento.

“Vocês imaginam que terão algum problema?” perguntou.

“A gente nunca sabe”, respondeu um dos jovens, com certa aspereza.

“Quando uma linha está quebrada apenas uma hora após instalada, pode muito bem ser sabotagem feita por alguma tribo feroz.”

“Tsshhh!” fez o velho, “Vocês, meninos, andaram vendo muitos filmes de Tarzã. Apósto que o que vão encontrar é apenas um dos “meninões” que esticou um pescoço sem olhar o caminho por onde iria passar.

Eu avisei seu chefe que os fios estavam esticados muito baixo.”

Os reparadores estavam com pressa e não deram importância aos avisos do velho caçador. Correram para o caminhão, e partiram acelerados, a fim de descobrir a causa do rompimen-

to dos fios.

Algumas milhas adiante, os apreensivos homens encontraram o problema.

Não era causado por uma horda de nativos, mas por um trio de girafas temerosas e lutadoras! Os animais tinham estado viajando a alta velocidade, quando uma delas bateu no fio e o partiu.

As girafas ficaram tão embaraçadas nos fios, que quase lutaram até a morte antes de serem salvas.

Depois desse episódio, a companhia de telégrafos decidiu atender aos conselhos do caçador e levantaram os fios a uma altura de 10 metros do solo. Daí em diante, não houve mais problemas entre os fios e aqueles animais, com pescoços e pernas longos.

Numa terra onde o peculiar, o estranho e o curioso são sempre lugar comum, a girafa é um animal ímpar. Algumas espécies atingem seis metros de altura. Uma grande parte de sua altura é devida a seu pescoço alongado. Surpreendentemente, a girafa possui apenas sete vértebras, assim como muitos outros animais.

As girafas têm as pernas tra-seiras voltadas para trás, por causa dos ossos extra-longos dos ombros, e maior profundidade na frente de seu corpo. As pernas são todas mais ou menos do mesmo tamanho. Algumas das grandes girafas-macho atingem até 1 100 quilos.

As fêmeas são cerca de um metro mais curtas, pesam entre 425 a 450 quilos.

Apesar de seu impressionante tamanho, a girafa não é uma criatura agressiva. Ela come uma dieta vegetariana e gosta de ser deixada só. Antigamente, havia grandes bandos de girafas correndo o Continente Negro, mas quando os homens descobriram que eram boas para se comer e que sua pele resistente era útil para eles, seu número ra-

pidamente baixou.

A pele da girafa é tão forte (cerca de 2,5 cm de espessura em algumas partes do corpo), que uma bala com nariz de chumbo, atirada a curta distância irá ricochetear, ao invés de penetrar na pele da girafa! Havia uma grande demanda entre os pioneiros africanos por coleiras, arreios e chicotes feitos de pele de girafa. E a carne do animal era freqüentemente usada como alimento pelas caravanas. Os nativos, também, saboreavam a carne e usavam os fortes músculos para cordas de arcos de caça e para instrumentos musicais. A pele era usada para cobrir seus escudos.

Embora o longo pescoço possa ocasionalmente causar algum problema, ele ajuda este animal que pasta e ruma ao se alimentar de folhas e brotos das altas acácias.

Sua altura ajuda-a a sobreviver. Os lábios do animal são também úteis. Eles são longos prênses (hábeis em morder), e bem peludos, para proteção contra espinhos. O lábio superior ajusta-se perfeitamente sobre o inferior, e a língua, algumas vezes com 50 centímetros de comprimento, é um instrumento de precisão para apanhar as folhas e os ramos.

A girafa não possui dentes incisivos no maxilar superior, e a língua é usada para trazer as folhas e ramos pelo vão dos dentes dianteiros, cortando-os dos galhos.

Por causa da altura, as girafas adultas dormem em pé. Esta prática requer menos esforço que deitar e levantar, e economiza tempo, em caso de alguma fuga repentina de algum inimigo, como o leão.

Mesmo assim, o "meninão" ocasionalmente deita-se, assumindo uma postura estranha, com seu pescoço voltado para trás e cabeça descansando sobre as nádegas.

A girafa é uma criatura sociá-

vel, que vive em comunidades abertas, as quais podem ter de cinco a cinquenta membros. Como o elefante, ela corre por áreas extensas, evitando com cuidado as florestas densas, os pântanos, ou os charcos. Uma viagem pela floresta poderia resultar em uma armadilha, e assim ela tem preferência por terreno firme, onde suas longas pernas possam suportar o corpo. O pesado corpo da girafa afundaria se ela tentasse atravessar um terreno pantanoso.

Um velho macho pode ser o líder de um grupo, mas são as fêmeas que mantêm uma observância diligente, não apenas pelos filhotes, mas por todo o rebanho.

Apanhar uma girafa de surpresa é quase impossível, já que ela tem talvez o olho mais aguçado de todos os grandes animais da África, e, além disso, sua altura proporciona um campo quase ilimitado de visão.

Ela tem também um olfato acutíssimo.

Sempre desconfiadas, as girafas nunca se aproximam de poços de água, sem antes certificarem-se de que não há perigo pelas redondezas.

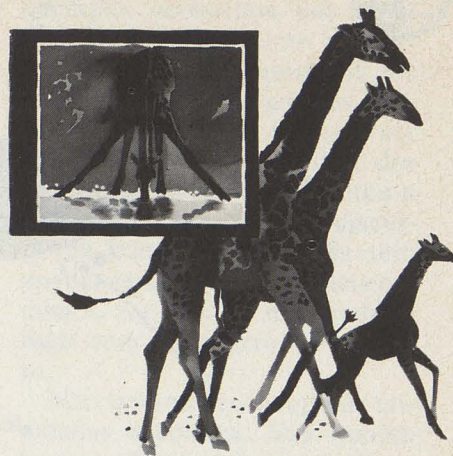
Quando há bastante água, elas bebem regularmente, consumindo cerca de oito litros por semana. Elas nunca bebem nos rios, e nas regiões secas conseguem passar semanas sem água, obtendo líquido das folhas que comem.

A pele resistente, a velocidade, e a aptidão de sobreviver com pouca água, são talvez as razões pelas quais a girafa já foi chamada de "Camelopardo".

Quando as girafas lutam entre si, usam as cabeças, literalmente!

Um par de machos atingindo-se mutuamente com a cabeça, pode ser comparado a uma pessoa sendo atingida por um martelo de quatro quilos, preso a um cabo de quatro metros. Os veteranos de muitas batalhas sabem como evitar alguns dos ferimen-

Ilustrado por Dick Brown



tos, e pancadas e dores de cabeça conseqüentes. As girafas têm um par de estruturas ósseas, curtas, cobertas com pêlos. Esses "chifres" são algumas vezes usados para desviar ou absorver os efeitos da pancada.

Uma coisa inédita sobre essas batalhas é que são realizadas em silêncio. Não importa quão árdua a peleja, cada girafa olha para o oponente com olhos melancólicos e imutáveis.

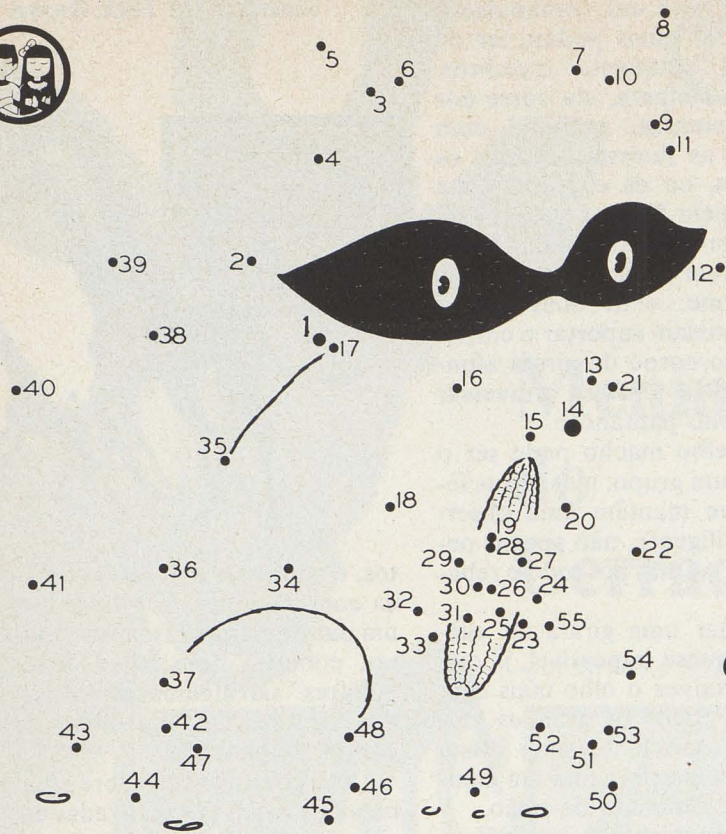
Por anos afirmou-se falsamente que esses animais eram mudos. Todavia, uma fêmea foi escutada chamando seu filhote, com um fraco mugido. Outros sons são algumas vezes emitidos por esses animais, mas raramente durante uma batalha.

As girafas se alimentam pela manhã e à noite, e descansam durante o calor do dia.

Permanecendo absolutamente sem fazer qualquer movimento, tornam-se virtualmente invisíveis atrás de uma acácia por causa da pele malhada.

Ao pôr do sol, elas se movem novamente. Podem ser vistas à galope total (cerca de 50 quilômetros por hora), correndo sem esforço, com graça e ritmo na linha do horizonte.

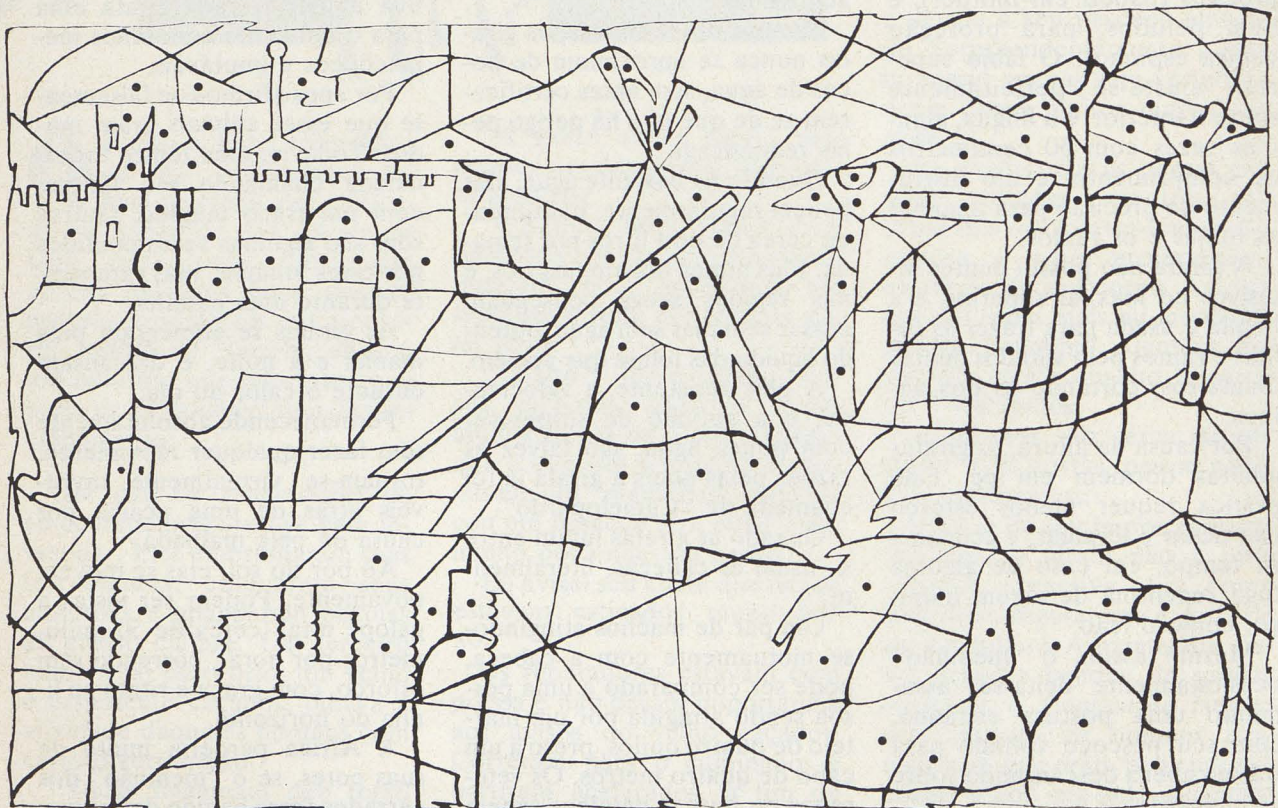
A África perderia muito de suas cores, se o "meninão" dos cerrados fosse banido definitivamente do cenário.



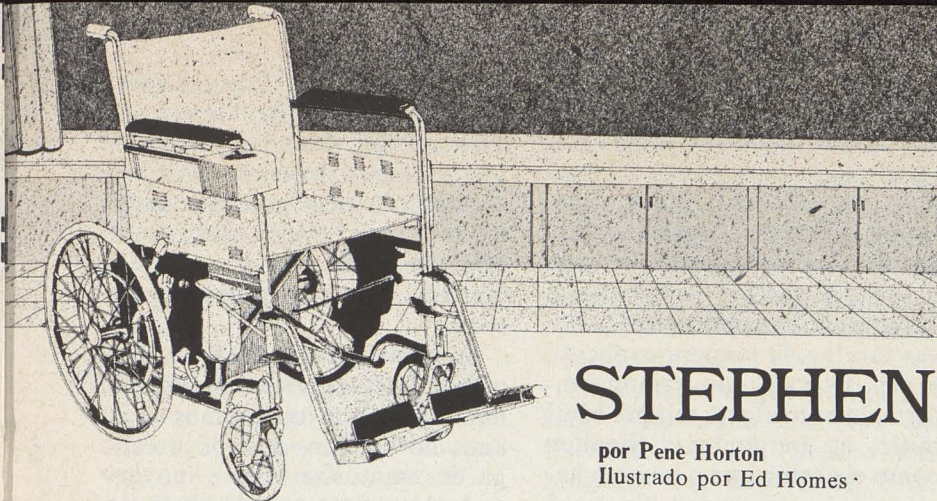
SÓ PARA DIVERTIR

Quem está atrás da máscara?

Roberta L. Fairall



COLORIR TODAS AS ÁREAS PONTUADAS



STEPHEN

por Pene Horton
Ilustrado por Ed Homes

A voz veio do canto ao fundo da capela. Para os membros ativos da ala, era uma voz familiar e freqüentemente ouvida nas reuniões de testemunho.

Um visitante, voltando-se para ver quem estava falando, viu um rapaz curvado sobre uma cadeira de rodas, suportando seu corpo aleijado em seus braços, enquanto as pernas jaziam como que penduradas, imóveis atrás dele. Como poderia este desvalido ser grato por suas muitas bênçãos? *Que bênçãos?*

Quando ele tinha quatro anos de idade, uma série de testes revelou que Stephen Farrance tinha um tipo de doença muscular que, se continuasse a progredir como estava fazendo, iria matá-lo quando atingisse os doze anos.

“O impacto e a inexorabilidade do veredicto do médico realmente não nos convencia”, lembra a mãe de Stephen. “Stephen podia fazer tantas coisas. Nós o encorajávamos a ser independente. Ele tinha tarefas regulares para fazer, assim como seu irmão e sua irmã. Então, mais tarde, quando os tendões começaram a repuxar seu pé para trás, e ele teve de andar sobre os artelhos, nós lhe tiramos algumas das responsabilidades, mas demos-lhe outras. Ele freqüentou uma escola comum e arrumou-se sozinho.

Lembro-me de um dos professores que me contou que havia

chamado Stephen e um outro rapaz à frente da classe, ao mesmo tempo. Quando Stephen chegou, segurou seu pé e colocou uma mão sobre a escrivaninha. O outro aluno perguntou: ‘Você está bem?’, e Stephen disse: ‘Meus pés não gostam de parar de andar, e eu gasto sempre um minuto ou dois para convencê-los. Mas, felizmente, estou bem agora.’”

Stephen tinha dificuldades para sentar-se. Aos doze anos, ajoelhava-se em sua carteira durante a aula, a ponto de fazer calos nos joelhos. Mas ele não perdia nada em que pudesse tomar parte. Arranjava jeito de fazer o que as outras crianças faziam.

No ano seguinte, sua classe resolveu aprender danças de salão, e o professor deve ter dito a Stephen que ele poderia ir à biblioteca e ler, enquanto os outros dançavam.

“Mas eu preferiria tomar parte”, disse-lhe Stephen.

“Mas como você pretende fazer isso?” perguntou-lhe seu professor, atônito, porque nessa época ele caminhava apoiando-se nas paredes e não podia equilibrar-se.

“Bem, eu pensei sobre isso, e decidi que eu poderia cuidar do toca-discos, mudar os discos, e observar como os passos são feitos. Isto fará com que você tenha mais tempo para cuidar dos garotos no salão”, declarou. Dessa forma ele foi cuidar dos discos e observar.

“Tenho muitas bênçãos pelas quais sou grato...”

Algumas das bênçãos, por exemplo, consistiam em ser o marcador de pontos no basquetebol no colégio, treinar um dos times atléticos das garotas, trabalhar no jornal da escola, e ser eleito par vários conselhos dos alunos. Quando se candidatou a tesoureiro, disse no seu discurso de campanha: “Vocês têm apenas que dar uma olhadela em mim e ver que eu não poderia fugir com o dinheiro.” Foi eleito.

Não limitou seu tempo às atividades escolares. Sua família havia-se filiado à Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias quando Stephen tinha oito anos, e assim ele tomou parte ativa nos programas da Igreja. Ia à Primária, foi ativo no programa de lobinhos e promovido para o escotismo. Avançou nos ofícios do sacerdócio e passava o sacramento, até que um dia tropeçou. Naquela noite, escreveu em seu diário: “Passei o sacramento e tropecei, nada foi derramado, mas é melhor não arriscar outra vez.” “Penso que é muito difícil para os observadores”. Dessa forma, ele abandonou sua designação, substituindo-a por outra em que lembrava aos diáconos qual era a sua vez no rodízio. Como um mestre, ajudava a preparar o sacramento na pequena sala lateral e também foi secretário do quorum. Stephen levantava-se às 5,30 horas da manhã, cinco dias por semana, e por quatro anos para freqüentar o seminário. Conseguiu dois anos com 100% de freqüência, e um ano em que faltou apenas um dia. No ano seguinte, ele freqüentou um festival de teatro com a peça vencedora e não pôde encontrar um seminário que funcionasse logo pela manhã, o que fez com que perdesse quatro dias.

“Gostaria de agradecer ao Pai Celestial por minhas muitas bên-

ções . . .”

Enquanto Stephen fazia amigos e realizava coisas novas, a moléstia também progredia. Sua cabeça pendia para trás, porque os músculos de seu pescoço não lhe podiam dar o suporte necessário. À medida em que seguia seu caminho pelos corredores da escola, segurando nas paredes, tinha que parar a cada poucas passadas e descansar, e então olhar adiante e ver o que havia no caminho.

As pessoas comentavam. Mesmo alguns adultos vinham e diziam: “Como é possível você ser assim?”, ou “O que há com você?” Às vezes, num restaurante as pessoas pensavam que ele era um rapaz que não tinha boas maneiras e lhe diziam para sentar-se direito ou não ocupar muito espaço.

Isso o preocupava?

“Não; Não realmente: Se eles soubessem que não era intencional, não se sentiriam daquela forma”, dizia Stephen.

Seu irmão mais velho, James, começou a carregá-lo sobre seu ombro.

“Tenha bom ânimo, Elder.

Seu irmão está às voltas com o trabalho de seu pai, assim como você está”.

As pessoas brincavam com isso, e nunca sabiam o quão sério era o problema. Stephen começava a voltar para casa da escola, e depois de meio quarteirão, James aparecia, erguia-o, e corria. Stephen gritava e freqüentemente o par conseguia bater os outros meninos na corrida até a casa.

Houve ocasiões em que nos Shopping Centers, James quis carregar Stephen e foi proibido pelo pessoal da segurança. Depois de algum tempo, Stephen tornou-se amigo de muitos do pessoal da segurança, e eles arranjavam carrinhos de supermercado, onde ele podia ser transportado.

“Stephen tornava-se amigo

das pessoas, porque encontrava tempo para notá-las. Lembro-me de um dia no Shopping Center em que ele me disse: ‘Ei, mãe, vamos até ali em cima. Quero falar com aquele sujeito’. Ele foi lá, e congratulou-se com o homem por sua promoção, e perguntou a respeito de suas novas tarefas. O homem explicou, e eles ficaram conversando informalmente algum tempo. Mais tarde, eu perguntei a Stephen como ele sabia que o homem havia sido promovido. ‘Se você olhar para as mangas de seus uniformes, vai ver que elas têm algumas insígnias douradas nos punhos. Aquele sujeito tinha apenas uma dessas na semana passada, e nesta semana ele tem duas; assim, deduzi que ele havia sido promovido.’”

A atenção de Stephen para com as pessoas como seres humanos, com triunfos e problemas, era notável. Um colega de escola sumaria essa qualidade assim. “Mesmo que você esteja no 1º grau ainda, poderá levar seus problemas ao Steve. Ele sempre foi mais interessado nos problemas dos outros que nos seus próprios.”

Um outro amigo diz: “Ele estava sempre feliz e não dava muita importância a si mesmo. Pensava que era mais importante ajudar outras pessoas, e isso fazia a cada oportunidade. Ele só era importante para si mesmo na medida em que precisava voltar a seu Pai Celestial. Que pessoa fantástica e bela. Ele tinha a atitude de ‘não vou-me deixar derrotar por mim mesmo.’”

“Sou grato, Pai Celestial . . .”

Ele acompanhava sua irmã e irmão nas peças teatrais. Enquanto eles eram atores, Stephen era o diretor, o homem do som, ou controlava as luzes. Fazia isso na escola e nos “shows” ambulantes.

Ninguém pensava nele como um incapaz. No lar, entendia-se que havia certas coisas que ele não podia fazer. Sua irmã expli-

cava a uma de suas amigas: “Stephen não pode correr, eu não consigo desenhar, e James não é capaz de cantar”. Viver com Stephen ensinou aos outros membros da família Farrance a solidariedade, não apenas por ele, mas para com todas as pessoas.

Stephen passava fácil de ano na escola, e sempre com as notas mais altas, até os últimos dois anos no colégio, quando a carga de manter-se vivo e mover-se tomava uma grande parte de suas energias. Ele concluiu com uma nota regular para boa. Foi eleito o cidadão do ano pelo corpo estudantil e recebeu certificados de reconhecimento a cada ano por serviços prestados ao colégio. No último ano, recebeu um título de reconhecimento de jovem cidadão e uma bolsa de estudos. Também dirigia um programa na rádio da escola de uma hora de duração.

Fazia discursos na Igreja regularmente e exerceu vários cargos. Os membros da ala o amavam e lhe davam forças, enquanto obtinham coragem ao vê-lo. Serviu como secretário do programa do Sacerdócio Aarônico e Moças, e foi vice-presidente de sua classe no instituto. Era um grande entusiasta do trabalho missionário e convidava os élderes a irem à sua casa tão freqüentemente quanto possível. Stephen ficou emocionado no dia em que seu irmão, James, recebeu seu chamado missionário. Ele apreciou grandemente os preparativos para a partida e o fato de ter podido acompanhar James até Salt Lake City, à Casa da Missão. Stephen acreditava firmemente que iria fazer uma missão também, e estudou diligentemente a fim de se preparar para ela. Sua bênção patriarcal declarava que ele iria para uma missão. Não esperava fazer alguma coisa muito grandiosa, como bater de porta em porta mas estava certo de que haveria um lugar para ele.

A cada dia ficava mais fraco. Seu corpo tornava-se cada vez mais distorcido, até que ele estava quase que dobrado ao meio sobre uma cadeira, onde passava todo o tempo agora, dormindo ou acordado. Ele não reclamava: aceitava as coisas como eram.

Escrever e dirigir o "show" ambulante da Ala de New Westminster foi a sua última grande realização. A Estaca de Vancouver, na Columbia Britânica (Canadá) produziu os espetáculos combinados de todas as alas. Quando os juízes emitiram seu veredicto, o show ambulante de Stephen havia ganho o reconhecimento de "a melhor diversão itinerante".

Quando os aplausos terminaram, o Mestre de Cerimônias da Estaca aproximou-se do microfone e anunciou: "Stephen Farrance, escritor e diretor assistente deste show ambulante vencedor, faleceu esta manhã. Nós evitamos anunciar esta triste notícia até agora, porque não queríamos influenciar os juízes. Gostaríamos de nos congratular com o elenco e o pessoal técnico pela apresentação desta noite, com uma menção especial à família de Stephen, que fez um belo trabalho. Dedicamos o "show" ambulante ao Stephen".

"Como é possível a família do Stephen estar aqui esta noite?" perguntou, alguém, e a resposta foi: "Depois de ter vivido com o Stephen, o que mais eles poderiam fazer?"

"Gostaria de prestar meu testemunho e agradecer ao Pai Celestial pelas minhas muitas bênçãos . . . agradeço a ele pela certeza de que sei que receberei um corpo perfeito na ressurreição, pelo meu conhecimento de que Deus vive, que Jesus é o Cristo, e que Joseph Smith foi um profeta. Sou grato por ser membro desta igreja . . ."

Stephen tinha a bênção de uma mente aberta, um vívido senso de humor, e a habilidade de en-

xergar a razão dos problemas. Ele juntou todas essas coisas e viveu uma vida plena, durante todos os seus dezoito anos. Mas não foi nenhum super-homem, nem um repositório de virtudes, nem um santo, mas apenas um ser normal, caloroso, amoroso, com os altos e baixos, alegrias e tristezas de todos nós.

Na época em que muitos jovens SUD estão entrando na Casa da Missão (Missão das Línguas) em Salt Lake City, Stephen Farrance completou sua missão aqui na terra. Por acaso, o Pai Celeste o enviou do reino do puro amor para dar-nos um exemplo a seguir? Não somos todos nós, de algum modo, aleijados na mente ou no corpo, e necessitando de força de outros? Teria sido essa a sua missão: ensinar-nos isso? Em carta ao irmão de Stephen, James, o ex-presidente da Estaca escreveu: "Stephen tinha um grande desejo de segui-lo ao campo missionário. Agora ele já recebeu seu chamado. Ele está realmente preparado para pregar o Evangelho e ainda uma grande missão. Mas nessa missão, ele não terá o fardo pesado de suas aflições. Seu espírito agora está em pé e alto, e ele pode caminhar firme para pregar o evangelho com poder e convicção, como você está fazendo. Tenha bom ânimo, Élder. Seu irmão está às voltas com o trabalho de seu Pai, como você está."

Um serviço funerário foi feito para Stephen no centro da Estaca em Vancouver, Na Colúmbia Britânica.

Em vez de mandarem flores, os amigos contribuíram para um fundo em seu nome, que foi estabelecido em sua antiga escola. A cada ano, um aluno formando que "tenha demonstrado contribuições realmente qualitativas no campo de ajuda a outros jovens — alguém que tenha ido acima e além do chamado do dever, em espírito de um verdadeiro humanitário" — receberá uma

bolsa de estudos no valor de cem dólares, e o certificado de reconhecimento humanitário "Super-Steve".

A Estaca de Vancouver, na Columbia Britânica instituiu o certificado de reconhecimento "Memorial a Stephen Farrance", a ser conferido à equipe do Seminário que mostrar a maior apreciação e entendimento individual uns pelos outros, atenção aos regulamentos, esforços sinceros, e boa esportividade durante a busca anual de escrituras.

Nos funerais, membros e não-membros juntaram-se para lembrar a figura de Stephen. Um amigo da escola falou a respeito das contribuições de Stephen para a escola e para seus colegas. Ele falou a respeito de seus muitos talentos, seu desejo de servir, e seu exemplo para o corpo estudantil. Seu consultor dos sacerdotes falou a respeito das conquistas de Stephen dentro da Igreja, seu entusiasmo por qualquer atividade ao ar livre, mesmo sabendo que não poderia participar, e sua apreciação pelos seus irmãos no sacerdócio. E o bispo falou a respeito do desenvolvimento espiritual de Stephen. Ele lembrou aos presentes do testemunho grande e forte que ele tinha, e de como usava todas as oportunidades para prestá-lo. Ele falou do desejo de Stephen de servir ao Senhor de toda a forma possível para ele. Pela primeira vez, membros e não membros, reunidos pelo amor a Stephen, ficaram cientes de aspectos marcantes de seu caráter.

Stephen viveu dezoito anos. Conseguiu fazer muito, e foi um grande exemplo para muitos de nós. Embora vivesse com um corpo aleijado, e sofresse muita dor, morreu da maneira que o Salvador prometeu aos fiéis: "E acontecerá que os que morrerem em mim não provarão esta morte, pois ser-lhes-á doce." (D&C 42:46.)

Esposas das Autoridades Gerais: Irmã Ida Jensen Romney.

Maurine Jensen Ward.

Ilustrado por Ralph Reynolds.

Alguns pais legam a seus filhos terras, ou estranhas porcelanas tradicionais da família. Mas o legado que Ida Jensen Romney, esposa do Presidente Marion G. Romney, segundo conselheiro da Primeira Presidência, recebeu de seus pais é muito mais valioso que isso. Ela recebeu uma rica herança no evangelho das histórias de seus ancestrais que ouvia à mesa de refeições, quando criança.

“Minha avó materna nasceu no norte da Dinamarca”, diz ela. “Tinha uma irmã chamada Mina, que fora trabalhar na cidade para uma família SUD. Muito embora os mórmons não fossem vistos com bons olhos na Dinamarca, Mina ia à Igreja com a família aos domingos.

“Na Igreja, Mina gostava de uma canção em particular e memorizou-a para cantá-la, enquanto cuidava dos afazeres da casa. Logo ela foi batizada, mas não ousava contar à sua família que havia cerrado fileiras com os mórmons. Um dia, numa visita ao lar, ela estava cantando o hino do qual gostava. “Ó Meu Pai”, cantava ela suavemente. Sua mãe escutou atentamente as palavras e então perguntou-lhe: ‘Onde você aprendeu isso? É justamente em que tenho crido toda minha vida’. Mina explicou-lhe que se havia tornado mórmon. Logo depois, toda a família estava batizada.

“Aquela pequena família deixou a Dinamarca e foi para Utah sem muitas coisas materiais”, continua a irmã Romney. “Mina morreu nas planícies, sem ter tido a oportunidade de ver Sião, mas uma grande posteridade de minha família é indizivelmente grata a ela pelo seu testemunho. Não estaríamos aqui não fosse ela”.

[O avô da irmã Romney também era da Dinamarca.

“Ele deixou uma fazenda bem irrigada, verde e fértil, a fim de vir para Sião. O missionário disse-lhe quão belo era viver em Sião e que ele receberia cerca de 16 hectares de terra para plantio, quando chegasse. Ele foi enviado ao sul de Utah, em Levan, para colonizar a terra que não era nada verdejante, comparada à que havia deixado para trás. Ele desejou tomar o primeiro meio de transporte para voltar para sua velha terra, a Dinamarca, mas minha avó insistiu para que ambos ficassem.

“Tenho sido ensinada que temos de fazer sacrifícios pela Igreja. Nada que o Senhor requeira

de nós é demasiado, mesmo que seja a última coisa que façamos na vida.

“Na noite em que minha avó morreu, ela chamou a família para o lado de sua cama, e pediu-nos que cantássemos “Alegres Cantemos” (hinos, nº 89). Num último suspiro, prestou seu testemunho da veracidade do evangelho. Ela disse: ‘Sou grata por ter vivido esta vida como um membro da Igreja’”.

Ida Romney nasceu em Levan, Utah, a cidade que seus avós ajudaram a colonizar. Seus pais continuaram a tradição de viver a lei do sacrifício pelo Evangelho. Quando ela contava seis anos de idade, seu pai recebeu uma curta carta da Caixa Postal B, de Salt Lake City, Utah. Era um chamado da Primeira Presidência para que ele deixasse sua mulher e três filhos e servisse na Missão dos Estados do Norte. “Ele deixou-nos com quinze dólares e uma vaca amarela, minha mãe me contou”. “Minha mãe trabalhou sem cessar para manter nossa família vestida e alimentada e para enviar algum dinheiro a papai.

Ela lavava e passava roupa para fora, servia como enfermeira para os doentes e ainda fazia algumas costuras para os vizinhos”.

“Meu pai voltou da missão no dia de meu 8º aniversário”, conta a irmã Romney. “Enquanto ele estava fora, eu havia aprendido a tocar nosso velho órgão de foles. Minha mãe vira quando ele chegava, e me fez tocar ‘Tudo é belo em Derredor’ (hinos, nº 126), para que ele pudesse ouvir ao chegar à porta da frente. Ele estava em lágrimas enquanto nos abraçava a todos, após dois anos de ausência.

“Logo depois de meu pai haver voltado da missão, a família mudou-se para o condado de Wasatch, onde vivemos em uma fazenda. Já que não havia nenhum ginásio nas proximidades, minha irmã e eu fomos para Provo, ao Colégio Brigham Young. Era uma escola Normal, e eu queria ser uma professora.

Terminei o curso e consegui meu certificado de professora, e mudei-me, com minha família para Idaho Falls”, conta-nos a irmã Romney. Foi ali que ela ganhou o testemunho que havia sido padrão na vida de seus pais e avós.

“Fui chamada para ser membro da junta da Escola Dominical da Estaca de Idaho Falls. Meu dever era ensinar aos professores na estaca como da-



rem as lições que eles apresentariam em suas próprias escolas dominicais nas Alas. Um homem na junta da Escola Dominical era um bacharel da Universidade de Idaho. Sua esposa, também diplomada por faculdade, sempre vinha com ele para minha aula. Ela não era membro da Igreja.

“Um dia a aula era a respeito da primeira visão do profeta Joseph Smith, e eu, enquanto preparava a lição, comecei a pensar naquela mulher. A presença dela na classe nunca me havia perturbado até então, mas repentinamente entrei em pânico para dar essa aula, tendo-a sentada lá na classe.

“Ela é formada pela Universidade, uma mulher

culda’, pensei.’ Como posso contar essa história a ela na aula? Ela vai pensar que estou louca!”

“Fui conversar com minha mãe e disse-lhe: ‘Não posso dar essa aula. Eu não sei se isso é verdade’. Minha mãe respondeu: ‘Bem, o que dizer? Você sabe que é verdade’.

“Eu respondi: ‘Eu sei somente o que me foi ensinado toda minha vida, que Joseph Smith teve uma visão. Eu não sei se é verdade.’ Tal declaração deixou minha mãe tão nervosa, que ela chorou. Finalmente, disse: ‘O que fez Joseph Smith quando ele teve de saber qual era a Igreja certa? Você deve fazer como ele fez’.

“Subi para meu quarto”, continuou a irmã Romney, “e orei como nunca havia orado antes. Eu disse: Deixe-me saber que a Igreja é verdadeira. Deixe-me saber por mim mesma”, eu orava, ‘mas não somente para mim mesma. Eu preciso prestar meu testemunho a outros’.

Naquele domingo, minha aula foi diferente de qualquer outra que dera antes. Eu não estava apenas repetindo palavras. Sabia que o que falava era verdade e sentia uma alegria completa.”

Uma sala de aula não é uma coisa estranha para a irmã Romney. O pó de giz esteve em seus dedos por mais de um ano letivo, ensinando em Idaho Falls e no Ricks College. Ela também prosseguiu seus próprios estudos para obter um grau de mestrado na Universidade do Estado de Utah, Universidade de Brigham Young e na Universidade de Utah.

Ida Jensen e Marion Romney viram-se pela primeira vez em Rexburg, Idaho, antes de ele partir em missão. Encontraram-se novamente, quando ela havia ido despedir-se de um primo que partia para a missão. Casaram-se em setembro de 1924.

“Durante aqueles primeiros anos do casamento, enquanto Marion freqüentava a faculdade de direito, o dinheiro era curto para a gente”, diz ela. “Nosso passeio favorito era uma noite no Teatro de Salt Lake. Algumas vezes não dava para comprar duas entradas para sentarmos juntos, e então sentávamos sozinhos, um de nós na platéia e outro no balcão superior. Raramente a gente tinha os dez centavos de dólar para pagar o bonde até chegar em casa.”

Ida Romney pisca quando fala de seu esposo. Eles são muito afeiçoados um ao outro, e nunca deixam de ser sempre namorados. Sua chamada telefônica favorita a cada dia é dele. Ele telefona do trabalho, não importa o quão ocupado esteja, para expressar-lhe seu amor. Ela, por sua vez, recorta e separa artigos de jornais e revistas que julga que ele gostará e os lê para ele, quando o marido chega em casa, à noite.

“Nós rimos um bocado juntos”, diz ela. “Ele é a melhor parte de minha vida.”

A família Romney é como uma equipe. São sensíveis mesmo aos sentimentos que não são expressados entre um e outro.

Há algum tempo atrás, quando éramos recém-casados, e Marion ainda estava cuidando de sua carreira profissional, um grupo de amigos veio até

mim e me pediu que fosse a um diretório político. Eles queriam que eu concorresse a um cargo público numa futura convenção partidária. Embora a oportunidade parecesse interessante, eu a abandonei, sem mesmo consultar meu marido. Lembrei-me de que antes, numa noite em que estivemos conversando, ele brincara comigo, dizendo: “Agora eu sou apenas conhecido como o marido da Sra. Romney.” Apesar de ele haver apenas brincado naquela hora, sei que eu nunca quereria que ele se sentisse assim”.

Os pensamentos de Ida Romney, sua fisionomia, suas perspectivas e sua experiência demonstram que ela é espiritualmente madura.

A vida não lhe mostrou apenas o lado do sol luzente; seu primeiro filho faleceu ao nascer; ela já quebrou a bacia; e mais recentemente sofreu um ataque cardíaco.

“Não importa quais sejam meus pequenos problemas, sei que o Senhor está perto. Posso-lhe dizer: ‘Tu me conheces; Tu sabes de meus problemas. Quero ter a capacidade de enfrentá-los.’”

“Nenhum de nós recebeu jamais a promessa de que viveríamos sem passar por dissabores. Todos temos que passar por algum tipo de sofrimento. Ninguém escapa à morte. O que temos de fazer é enfrentar as coisas. É quando se enfrentam essas coisas que ouvimos a silente pergunta: ‘Quão profunda é sua fé?’”

“Temos alguns netos que praticam esqui aquático freqüentemente nos sábados de verão. Eu costumava sentar-me e preocupar-me com eles todos os dias. Então um dia Marion me disse: ‘O que você pode fazer para protegê-los? Tudo está nas mãos do Senhor. Quão profunda é sua fé?’”

A irmã Romney crê que “quando você fez o melhor que podia em qualquer coisa, você tem que aceitar os resultados. Você tem de confiar no Senhor”.

“Vivi uma vida longa que contemplou muitas mudanças no mundo. Quando nasci, viajávamos em carroções puxados por animais. Não havia telefones nem carros modernos. Somente uma coisa não mudou durante todo o tempo: o mundo sempre lhe trará problemas, mas o Senhor lhe trará a paz.”

Maurine Jensen Ward, mãe de dois filhos, é presidente da Sociedade de Socorro da Ala de Chicago, Estaca Wilmett-Illinois.

Mensagem para a Juventude

Uma Vida Construtiva



Élder LeGrand Richards,
do Conselho dos Doze.

Podemos estabelecer objetivos, se desejarmos, para nos ajudarem e nos guiarem a conseguir qualquer coisa digna nesta vida. Espero que cada um de vocês tenha por objetivo alguma coisa edificante.

Gostaria de fazer algumas sugestões. Começarei com uma pequena experiência que tive há apenas alguns anos atrás, enquanto eu era supervisor das missões na costa oeste da América do Norte. Eu estava nos limites da Missão Alasca-Canadense, quando ouvi esta história.

Enquanto freqüentava a escola, a filha do presidente da missão foi muito bem sucedida no trabalho de trazer uma de suas amigas para a Igreja. Quando chegaram as férias de verão, ela disse: "Papai, gostaria de passar meus meses de férias no campo missionário."

Dessa forma, ele a chamou como uma missionária de férias, e a enviou para Anchorage, no Alasca. Ele e eu estávamos lá, quando os élderes fizeram uma reunião de batismos.

Onze pessoas foram batizadas, e nove delas foram convertidas por essa pequena garota e sua companheira. Uma delas era um homem,

cujos semblante dava a impressão de que poderia ocupar qualquer cargo na Igreja. Depois do batismo, a filha do Presidente da missão veio até mim e, com lágrimas rolando pelas faces, disse: "Oh, Presidente Richards, nunca fui tão feliz em toda minha vida". Não foi uma maravilhosa ambição dessa garota passar suas férias de verão no trabalho missionário? E que recompensa, quando alguém quer entesourar tesouros no céu!

Há algum tempo atrás, na Califórnia, fui um presidente de Estaca. Nessa época, um bispo pediu a um rapaz de sua ala se gostaria de passar suas férias de verão fazendo o trabalho missionário. Ele estava estudando medicina, mas concordou em ir. Sabem o que ele fez? Procurou os rapazes e moças com quem freqüentara a escola e disse a eles: "Minha Igreja pediu-me que fizesse trabalho missionário para ela, e eu não estou muito bem preparado. Vocês gostariam de me ajudar, cedendo algumas noites de seu tempo e permitindo-me praticar com vocês, a fim de que eu fique bem preparado para meu trabalho missionário? Apenas com essa pequena idéia, ele trouxe quatro da-

queles amigos do colégio para a Igreja, durante os meses de férias. Não é muito melhor que ficar sentado à-toa, perdendo tempo? Há sempre oportunidades à nossa volta.

Como Jesus disse: "Mas buscai primeiro o reino de Deus, e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas." (Mateus 6:33.)

Isto significa que necessitamos buscar o reino de Deus, quando estamos na escola ou em qualquer outro lugar onde estejamos, ou qualquer atividade que façamos, não importa.

Se tivermos essa idéia como estrela guia em nossas vidas, manter-nos-emos no caminho reto e estreito. Alcançaremos o lugar ao qual gostaríamos de chegar.

O Evangelho muda nossas vidas. Quando estive na Dinamarca juntamente com a irmã Richards, há poucos anos atrás, encontramos um jovem casal que acabava de retornar do templo da Suíça. A moça disse: "Irmão Richards, temos sido membros da Igreja por apenas seis anos, e a nós parece que é como se tivéssemos apenas seis anos de idade agora. Não sabíamos o que a vida era, até que os élderes mórmons vieram ao nosso lar e nos ensinaram o evangelho."

Quando fui presidente da missão na Holanda, um homem passou pelo nosso escritório certa noite e viu minha luz acesa. Ele estava indo para casa, após fazer seu trabalho de mestre familiar, e tocou minha campainha à porta, e disse: "Vi sua luz acesa, Presidente Richards, e pensei que você pudesse estar interessado no que eu pensava, enquanto ia para casa. Eu pensava sobre quem eu era e o que eu era quando os missionários vieram ao meu lar, e o que, e quem sou agora. Simplesmente não posso acreditar que eu seja o mesmo homem. Não tenho mais os mesmos hábitos. Não tenho os mesmos pensamentos. Mudei tanto, que simplesmente não posso crer que eu seja o mesmo homem".

Possa Deus abençoá-los, a todos vocês, de acordo com os desejos justos de seus corações, e lhes dê a ambição e o desejo de viverem para conseguir realizar alguma coisa valiosa neste mundo. Ajudem a edificar o reino de Deus na Terra; ajudem a tornar este mundo melhor para se viver.

“Onde Dois ou Três Estiverem Reunidos”

Gerald R. Schiefer

A oração familiar não era praticada em minha casa quando eu era criança. Portanto, meu primeiro contacto com oração em grupo foi na casa de meu avô, quando a família se ajoelhava junta. Ainda me lembro das agradáveis sensações que eu tinha. Embora não entendesse o que estava acontecendo, compreendia apenas que eles estavam conversando com o Pai Celestial, e que harmonia, união e amor existiam no seio da família naquela hora. A lembrança daquela união tem sido de grande ajuda para mim, à medida em que servi nas diversas posições dentro da Igreja.

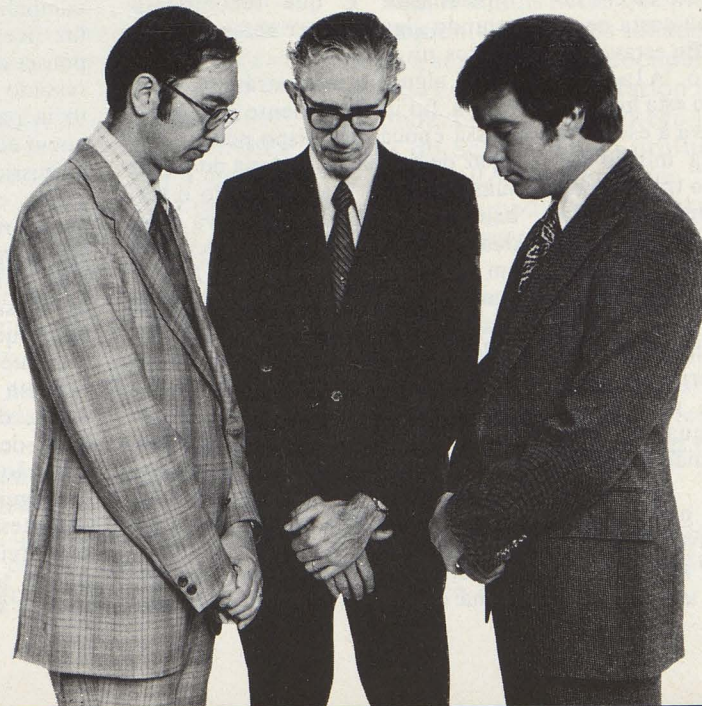
Uma das mais ricas experiências que tive foi um sermão especial com a juventude de minha ala, onde uma das garotas me pediu que fizesse a oração com o grupo, já que eu era seu bispo. Todos nos curvamos e eu falei com nosso Pai Celestial a respeito do bem-estar da juventude de minha ala, pedi que eles fossem fortalecidos contra as tentações de Satanás, deixei minha bênção como bispo e pai da ala sobre eles. Ao terminar a oração, todos estávamos unidos em amor. O espírito havíamos testificado novamente que o Evangelho de Jesus

Cristo é verdadeiro, que somos na verdade filhos de Deus e que temos um propósito divino e um destino sobre esta terra. Lágrimas corriam de nossos olhos e sentimos grande unidade de propósito por causa de haver-mos orado juntos.

Mateus registra que o Salvador instruiu seus discípulos, dizendo: “Se dois dentre vós, sobre a terra, concordarem a respeito de qualquer coisa que porventura pedirem, ser-lhes-á concedida por meu Pai que está nos Céus.

“Porque onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí, estou eu no meio deles” (Mateus 18:19-20.)

A oração, portanto, é o veículo pelo qual convidamos o seu espírito a estar conosco. O Salvador ampliou este ensinamento em revelações ao profeta Joseph Smith, alguns meses após a organização da Igreja, instruindo-nos no sentido de que, se estivermos sintonizados, pediremos apenas aquelas bênçãos que precisamos ter, e que tudo o que pedirmos ser-nos-á concedido. (Ver D&C 29:6; 50:29-30.)



Também aprendemos que grande preparação espiritual de cada indivíduo deve preceder a oração em grupo, envolvendo uma limpeza e uma purgação de nós mesmos, para que possamos ter a humildade para receber os ditames espirituais do Espírito Santo.

O Salvador estabeleceu o grande exemplo de oração em grupo na Oração do Senhor. (Ver Mateus 6:9-13.)

Observe-se que ele diz “nosso” e “nós”, significando que aquele que é convidado a fazer a oração, a faz para todo o grupo.

Os propósitos da oração em grupo mudam conforme o tipo de grupo pelo qual é feita oração, logicamente; mas o primeiro objetivo é unir todos os presentes, ou unir sua fé na direção de um fim desejado.

Um exemplo seria um mestre familiar e seu líder do sacerdócio ajoelhando-se juntos, humilhando-se diante do Senhor, ao considerarem o trabalho com as famílias, e depois, as orações dos dois mestres familiares antes de saírem para fazer as visitas. Outro exemplo são as orações de abertura e encerramento em reuniões para uma grande congregação, como a reunião sacramental ou a reunião do quorum. Novamente vemos uma pessoa pedindo bênçãos particulares sobre todos. As orações do marido e esposa juntos são orações de grupo, assim como aquelas entre pais e filhos.

Os companheiros missionários que se ajoelham ao início e final de cada dia, as orações feitas nas reuniões de comitês executivos, reuniões da Presidência da Estaca, reuniões de presidência de Quoruns ou da Sociedade de Socorro, reuniões sacramentais, escolas dominicais, mesmo nas Conferências Gerais da Igreja, todas são orações em grupo, e todas possuem aspectos comuns. Uma pessoa tem a responsabilidade de falar pelo grupo, agradecendo e pedindo as bênçãos do Senhor sobre todos. Isto exige suficiente humildade e sintonia com o Espírito, para que se possa receber, através do Espírito Santo, o conhecimento dessas bênçãos que irão beneficiar a todo o grupo. Outros no grupo têm também a responsabilidade de mentalmente repetir cada palavra e de unirem sua fé buscando as mesmas bênçãos. Se isso fosse realmente feito em cada oração em grupo, certamente receberíamos a promessa do Senhor: “. . . Tudo o que pedirdes com fé, recebereis, se fordes unidos em oração, de acordo com o meu mandamento.” (D&C 29:6.)

Algumas de minhas mais ricas experiências vieram através de orações em grupo.

Uma dessas experiências ocorreu em uma reunião com a presidência da Estaca e o élder James E. Faust, Assistente do Conselho dos Doze, numa conferência da Estaca. No meio da reunião, surgiu a notícia de que a Presidente da Sociedade de Socorro da Estaca e seu filho que estava por nascer corriam sério perigo de vida, por complicações de parto. O Élder Faust sugeriu que nos ajoelássemos e orássemos, unindo nossa fé, enquanto o Presidente da Estaca orava pela vida daquela irmã e sua criança. Foi uma cara experiência à medida em que o Espírito nos unia totalmente com o único propósito de suplicar ao Senhor por aquela família. Antes que nossa reunião terminasse, já corria a notícia de que a mãe e a criança nascida prematuramente passavam bem.

Lembro-me de outra comovente oração em grupo,

numa reunião de testemunhos, desta vez num acampamento das moças em High Sierras, uma cordilheira da Califórnia. Uma das Meninas Moças estava-se tornando rebelde, e havia sido um custo convencermos a garota a ir ao acampamento. A jovem que fez a oração inicial na reunião de testemunho foi inspirada a pedir “que aqueles no grupo que não tivessem um testemunho pudessem humilhar a si mesmos, para que fossem tocados pelo Espírito Santo e recebessem o testemunho de que Jesus é o Cristo, que Joseph Smith foi seu Profeta, e que o presidente da Igreja é um Profeta, e que o Evangelho dentro da Igreja é verdadeiro.” Estou certo de que eu era apenas um daqueles que mentalmente também pediam que essa bênção fosse concedida.

Aqueles testemunhos sob as estrelas atrás de altos pinheiros e sequóias foram realmente inspiradores. Quase ao final da reunião, enquanto cada um de nós estava espiritualmente elevado e as lágrimas rolavam pelos nossos rostos, esta garota rebelde ergueu-se e contou a respeito do despertar espiritual que acabava de ter, que ela havia recebido um testemunho do Espírito Santo que a Igreja era, com certeza, verdadeira. Ela afirmou que cumpriria os ensinamentos da Igreja e que faria sua vida digna de um casamento no templo. Anos mais tarde, quando fui à festa de seu casamento, logo após a cerimônia no templo, novamente ofereci uma oração de agradecimento por termos estado unidos em propósito e oração para testemunhar o grande milagre de High Sierras.

Em outra ocasião, fui designado pelo presidente da estaca para visitar dois irmãos que, por um certo período de tempo, haviam desenvolvido sentimentos muito rudes, um pelo outro. Era evidente que meu conselho não teria valor algum, e assim, pedi que eles se juntassem a mim em oração. Ajoelhei-me e orei ao Senhor, e então pedi a cada um deles que, por sua vez, também orasse. Ao orarmos todos juntos por paz e perdão, as velhas rixas caíram por terra, e esses dois irmãos, com lágrimas em seus olhos, sentiram-se reconciliados e unidos para trabalharem juntos no reino do Senhor.

Através dos anos, quando sou designado para falar nas conferências de estaca, ou nas alas, e também em serões, tenho escutado atentamente as orações iniciais. Como a pessoa que faz a oração normalmente pede uma bênção para os oradores, eu sempre mentalmente peço ao Senhor que tal bênção venha realmente a recair sobre mim. Frequentemente aquele que ora pede que haja comunicação espiritual entre o que faz o discurso e aqueles da congregação; novamente peço a nosso Pai que a congregação consiga ser receptiva àquelas coisas que o Espírito possa dizer através de mim.

Tem sido minha experiência que a oração em grupo pode ser uma recompensa de elevação espiritual, tal como qualquer outra experiência que possamos ter. O sucesso na oração em grupo está na preparação daqueles que oferece a oração e nos corações receptivos daqueles por quem a oração está sendo feita.

Gerald R. Schiefer, engenheiro eletrônico, atualmente está trabalhando numa designação por um ano como Consultor Científico para a Marinha Americana. Ele reside na Ala de Virginia Beach, Estaca Norfolk, Virginia.

PERFIL DE UM LÍDER

PRESIDENTE DEMAR STANISCIA PRESIDENTE DA ESTACA SÃO PAULO LESTE BRASIL

por José Glaiton F. da Silva

O Presidente Demar Staniscia nasceu na capital de São Paulo no dia 25 de setembro de 1938, portanto há 38 anos. Filho de Paulino Staniscia e Adelina Filomena Rugna Staniscia é casado com Sandra Moreira Staniscia. Deste casamento nasceu um herdeiro chamado Sérgio Ricardo, com 6 anos de idade. Esta união tornou-se eterna por ocasião do casamento no Templo de Salt Lake City, no dia 4 de outubro de 1973, onde também foi feito o selamento de seu filho Sérgio Ricardo.

Ocupou diversas posições na Igreja, nas quais se incluem: membro do Sumo Conselho, Presidente do Ramo do Ipiranga; Bispo das Alas São Paulo X e São Paulo I, primeiro conselheiro da Estaca São Paulo Leste e, ultimamente, presidente da Estaca São Paulo Leste Brasil. Na vida profissional, é gerente de vendas de uma Distribuidora de Produtos Farmacêuticos.

LIAHONA — *Quando e como o senhor entrou para a Igreja?*

PRES. STANISCIA — Conheci a Igreja em 1965, quando um dia estive na casa de meu irmão para visitá-lo. Lá encontrei dois missionários da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Foi este o primeiro contato que tive com a Igreja, mas não foi nesta época que me filiei a ela, e sim dois anos depois, precisamente no dia 13 de agosto de 1967.

Realmente foi um dia de muita alegria e muita felicidade para nós, sendo um marco para uma nova vida.

LIAHONA — *Gostaríamos que o senhor fizesse um relato de sua vida den-*



tro da Igreja desde que foi batizado.

PRES. STANISCIA — Nos primeiros meses de Igreja só frequentávamos as reuniões sacramentais. Nós viajávamos todos os fins de semana; isso já era um hábito. Isto sendo observado pela liderança de minha ala, certo dia recebi a visita do Bispo Hélio da Rocha Camargo, atual presidente da missão Brasil Rio de Janeiro, acompanhado do irmão Puerta, atual presidente da Estaca São Paulo Oeste. Foi uma visita inspiradora e muito motivadora e nos decidimos, daquele momento em diante, que nós e nossa casa serviríamos ao Senhor. Resolvemos diminuir as viagens e frequentar a todas as reuniões da Igreja.

Pouco tempo depois que comecei a frequentar a reunião do Sacerdócio, lembro-me que recebi o Sacerdócio Aarônico, nos ofícios de diácono, logo após, mestre, e logo em seguida, sacerdote. Lembro-me de um fato muito interessante, quando

acabei de ser ordenado um sacerdote pelo irmão Souza, ele disse: “Irmão eu acabei de ordenar um futuro bispo”, e essa profecia se cumpriu em 28 de novembro de 1971 quando fui chamado para ser o bispo da Ala São Paulo X.

Devo dizer que o que me ajudou a progredir dentro da Igreja desde os primeiros dias foi o apoio de minha esposa.

Esse apoio tem sido realmente muito importante na minha vida, em todas as coisas que faço, e em todos os chamados que tenho dentro da Igreja.

Incentivo a todas as irmãs a apoiarem firmemente os seus maridos nos chamados que possuem dentro da Igreja.

Existe um ditado que diz “por trás de um bom líder existe sempre uma boa esposa”.

LIAHONA — *Como o senhor vê o crescimento da Igreja no Brasil?*

PRES. STANISCIA — O crescimento da Igreja aqui no Brasil tem sido tão claro, tão marcante que até mesmo quem não é membro da Igreja tem percebido isso.

Eu me lembro que há 10 anos atrás, quando conheci a Igreja, quase não se ouvia falar da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Mas nesses últimos cinco anos a Igreja tem progredido bastante, especialmente em São Paulo.

Temos um número muito grande de capelas construídas, temos tido um crescimento muito grande na quantidade de membros.

O que irá reforçar mais o crescimento da Igreja no Brasil é a cons-

LIAHONA

trução do Templo de São Paulo e especialmente um programa revelado ao Presidente Kimball nestes últimos dias chamado "Família a Família" (SIGA), onde todas as famílias da Igreja estarão empenhadas em trazer uma nova família para a Igreja até o fim do ano em 1976.

É bom lembrar que a nossa Igreja é uma Igreja missionária, e que o trabalho missionário deve ter prioridade.

Devemos esforçar-nos bastante para que o trabalho missionário possa desenvolver-se de uma maneira vital, levando o Evangelho a outras pessoas que não conhecem a Igreja de Jesus Cristo.

LIAHONA — *Como o senhor se sente na posição de Presidente da Estaca São Paulo Leste Brasil?*

PRES. STANISCIA — Como Presidente da Estaca São Paulo Leste Brasil sinto-me muito feliz, muito contente de saber que o Senhor me confiou tão grande tarefa, porém de outro lado sinto uma responsabilidade muito grande sobre os meus ombros e quero cumpri-la fielmente. Sei que do meu esforço vai depender muito o sucesso da estaca. Sei também que o Senhor preparou o caminho durante todos esses anos que esteve na Igreja. Quanto a isso gostaria de mencionar que confio plenamente nas palavras proféticas de Néfi, quando ele disse: "Eu irei e cumprirei as ordens do Senhor pois sei que o Senhor nunca dá ordens aos filhos dos homens sem antes preparar o caminho pelo qual suas ordens poderão ser cumpridas"

Eu penso da mesma forma e acredito que todos os líderes têm sido preparados pelo Senhor para que possam desempenhar os seus chamados. Depende do esforço e da dedicação de cada um o sucesso a ser alcançado.

LIAHONA — *O que o senhor acha essencial para o progresso de uma estaca?*

PRES. STANISCIA — Há duas coisas essenciais para o progresso de uma estaca: primeiro, o desempenho da liderança. Segundo, o trabalho missionário.

Considerando o desempenho da liderança eu diria que os líderes devem se conscientizar de suas res-

ponsabilidades executando o trabalho a eles designado com bastante eficiência e dedicação, pondo todo seu coração, mente e força na obra do Senhor.

Com referência ao trabalho missionário, eu diria que é fundamental para o crescimento de uma estaca, pois é batizando que as alas irão crescer e se dividir. Após criarmos outras unidades e prepararmos novos líderes vem a possibilidade de novas divisões de Estacas.

LIAHONA — *Que influência a Igreja teve em sua vida particular?*

PRES. STANISCIA — A Igreja teve uma grande influência em minha vida particular. Antes de conhecer a Igreja eu tinha uma porção de hábitos negativos, que fui deixando aos poucos, após tomar conhecimento da verdade.

Na minha vida particular a Igreja tem-me ensinado a tomar atitudes compatíveis com o Evangelho de Jesus Cristo, a ter uma vida mais regrada e reta.

LIAHONA — *Relate alguma experiência espiritual que o senhor ache que servirá de exortação aos membros.*

PRES. STANISCIA — Uma experiência que gostaria de compartilhar com todos, aconteceu quando minha esposa esteve muita enferma, com risco de ficar parálitica.

Consultamos vários médicos e massagistas, sem nenhum resultado, e ela estava sofrendo muito.

Lembro-me de que um dia, a dor que ela sentia, parecia ter chegado ao insuportável. Ajoelhei-me ao lado da cama, onde ela sofria, e em prantos supliquei ao Senhor, que nos ajudasse a encontrar o médico certo ou que de alguma forma ela pudesse ser curada. Mal terminamos de orar, o telefone tocou. Era uma irmã que estava tentando nos ajudar a conseguir uma empregada doméstica. Após falarmos alguns segundos essa irmã perguntou-me sobre o estado da minha esposa, e quando lhe falei que estava sofrendo muito, disse-me: "Porque você não a leva ao médico fulano de tal?" Naquele instante sentimos que o Senhor havia respondido nossa oração, pois o nome daquele médico fazia parte de uma lista de cinco dos melhores ortopedistas

que pretendíamos consultar. Foi exatamente esse médico que com muito amor e paciência descobriu qual era o mal. Após uma delicada intervenção cirúrgica na espinha, e depois de quatro meses engessada, sem poder se movimentar, ela foi curada.

Sentimos que a mão do Senhor foi colocada sobre ela e que aquele médico ao qual o Senhor nos guiasse, não era simplesmente um médico, mas antes de tudo um ser humano extraordinário, que ama sua profissão antes de qualquer interesse.

Estou certo que quando oramos com fé, o Senhor atende as nossas orações.

LIAHONA — *Como o senhor vê o trabalho missionário dentro da Estaca São Paulo Leste?*

PRES. STANISCIA — O trabalho missionário dentro da Estaca São Paulo Leste Brasil tem sido prioritário desde quando soubemos que o Presidente Kimball havia dito que cada país deveria ter seus próprios missionários.

Deveriam ter também condições de enviar missionários para outros países que falassem o mesmo idioma, como é o caso do Brasil e Portugal.

Atualmente estamos com 31 missionários no campo e temos uma meta de 50 missionários até o fim deste ano.

Na missão da estaca temos 80 missionários trabalhando ativamente e agora com o programa "Família a Família" revelado ao Presidente Kimball, pretendemos dinamizar ainda mais o nosso trabalho na Estaca considerando que estamos nos últimos dias, bem próximos da vinda de Cristo.

LIAHONA — *Qual é a sua mensagem aos jovens com respeito ao trabalho missionário?*

PRES. STANISCIA — A mensagem aos jovens com referência ao trabalho missionário não poderia ser diferente daquela que o Presidente Kimball nos dá, que diz: Todos os jovens que estiverem qualificados física, mental, moral e espiritualmente deverão fazer missão, tanto quanto pagar o dízimo, casar no Templo e freqüentar as reuniões da Igreja. Por isso eu creio que todo

jovem digno deve fazer missão antes do casamento para o próprio bem dele, de sua família e também da Igreja.

LIAHONA – Com referência à construção do Templo, quais são as suas considerações?

PRES. STANISCIA – Com referência à construção do Templo em São Paulo, gostaria de dizer que será uma bênção muito grande para os membros de São Paulo, do Brasil e também da América do Sul.

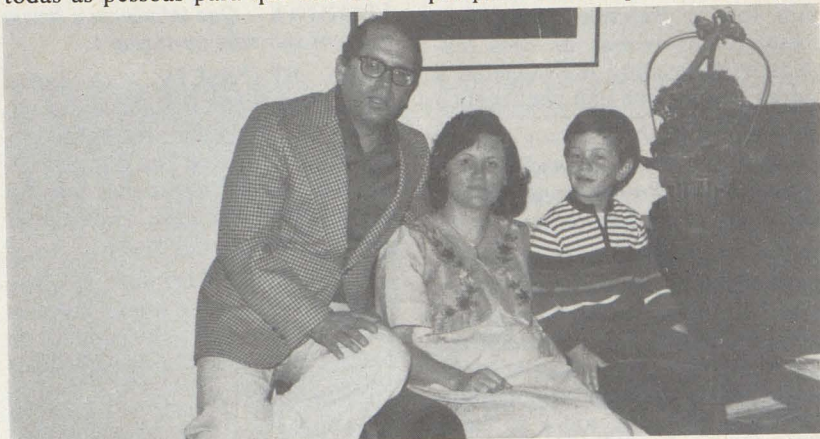
Desde que cremos que nossas vidas não terminam aqui, que temos esperanças de vida eterna devemos casar para a eternidade, selar nossos filhos e fazer o batismo pelos mortos. Necessitamos imprescindivelmente de um Templo para fazermos todas essas ordenanças. Devemos fazer sacrifícios para a construção do Templo. Sempre é bom lembrar que sem sacrifício não teremos nada. Gostaria de alertar aos membros do Brasil, e de São Paulo em especial para que façam sacrifícios e contribuam para essa grande obra.

LIAHONA – Gostaríamos que o senhor deixasse uma mensagem para todos os membros da Estaca São Paulo Leste Brasil.

PRES. STANISCIA – A mensagem que deixo aos membros da Igreja no Brasil, em geral, e em especial para os membros da Estaca São Paulo Leste é que nós devemos nos conscientizar de que realmente estamos nos últimos dias. Sendo assim devemos pensar em levar o Evangelho a todas as pessoas para que elas não

possam se desculpar perante o Senhor no dia do julgamento final.

Devemos pensar também que o momento de nos prepararmos para a segunda vinda de Cristo é hoje. Devemos nos afastar das coisas do mundo, levar uma vida limpa e reta, seguindo em todos os momentos os ensinamentos que Cristo deixou, procurando ser bons maridos, boas esposas, bons filhos, e ser úteis na obra do Senhor, servindo fielmente, porque o Senhor poderá vir hoje.



Presidente Demar Staniscia, sua esposa Sandra Moreira Staniscia e seu filho Sérgio

Nova Estaca Organizada no Rio de Janeiro

por José B. Puerta

Sob a direção do Élder Bruce R. McConkie do Conselho dos Doze, auxiliado pelo Élder James E. Faust, Assistente dos Doze, nova estaca foi organizada na cidade do Rio de Janeiro – a Estaca Rio de Janeiro–Niterói Brasil – no dia 19 de setembro p. passado. Com a criação da nova estaca, formada pelo remanejamento das atuais unidades que compunham a Estaca Rio de Janeiro, acrescidas de novas unidades oriundas da Missão Rio de Janeiro Brasil, totalizamos agora 10 estacas em nosso país. Na presidência da Estaca Rio de Janeiro, apenas uma modificação foi realizada: o irmão Oscar Batista de Carvalho, foi chamado como patriarca e o irmão Alfredo Orlando Torres Lima, foi chamado para

substituí-lo como 2º conselheiro ao Presidente Waldemar Curi. Desta forma a nova presidência da Estaca Rio de Janeiro Brasil ficou assim constituída: Presidente–Waldemar Curi, tendo como 1º conselheiro Antonio Almeida da Costa, e segundo conselheiro Alfredo Orlando Torres Lima. Doravante, segundo as informações do Élder Bruce R. McConkie, as unidades das estacas receberão nomes relacionados com a sua área, ao invés do que se fazia

anteriormente, denominando-as por números. Assim sendo, as unidades que fazem parte da Estaca Rio de Janeiro Brasil são as seguintes: Ala de Andaraí, Ala do Méier, Ala de Madureira, Ala de Engenho de Dentro, Ramo de Campo Grande, Ramo de Ilha do Governador, Ramo de Irajá, Ramo de Ramos, Ramo de Rezende, Ramo de Volta Redonda. Como bispo da nova ala de Engenho de Dentro, foi chamado o irmão Arnaldo da Silva Perei-



Presidência da nova Estaca Rio de Janeiro–Niterói Brasil: Presidente João Eduardo Kemeny, tendo a sua direita o 1º conselheiro Antonio José Mendonça e a sua esquerda o 2º conselheiro Ronald Alton Meeks.

ra e como bispo da Ala de Andaraí, o irmão Lindsay Myron Gledhill. Esta estaca foi, portanto, organizada com 10 unidades e com um total de 2.745 membros. O presidente Waldemar Curi, nasceu em Tapiratiba, estado de São Paulo, aos 17 de fevereiro de 1933, filho de Nagib Curi e Matilde Curi. É casado com Maria Dirce Andrade Curi, e o casal possui dois filhos. Recebeu seus endowments no Templo de Los Angeles e fez o selamento no Templo de Salt Lake City. É presidente da Estaca desde 21 de outubro de 1972 quando de sua organização, e no momento de sua divisão, a estaca contava com 13 unidades e uma população de 4.900 membros. O seu primeiro conselheiro, o irmão Antonio Almeida da Costa, nasceu aos 27 de março de 1930, em Lisboa, Portugal, e foi convertido à Igreja em 6 de junho de 1961. É casado com Inêz dos Santos Cardoso da Costa, e dessa união nasceram 3 filhos. Foi conselheiro na presidência de ramo, membro do conselho do Distrito, Presidente da Escola Dominical do Distrito. Na vida profissional trabalha com artesanato em couro, por conta própria.

O segundo conselheiro, Alfredo Orlando Torres Lima, nasceu a 12 de setembro de 1930, na cidade do Rio de Janeiro filho de Orlando Lima e Orchidéa Torres Lima. É casado com Maria Hozanc e o casal possui 7 filhos. O irmão Lima se converteu à Igreja em 20 de agosto de 1971. Ocupou diversas posições dentro da Igreja, como Superintendente da Escola Dominical do Ramo de Engenho de Dentro, secretário do mesmo ramo, conselheiro do bispado da Ala IV, membro do sumo conselho da estaca, e ocupava, por ocasião do seu chamado, a função de Secretário Executivo da Estaca. Era o atual diretor de Área dos Seminários e Institutos de Religião.

O novo patriarca da Estaca, o irmão Oscar Baptista de Carvalho, nasceu na cidade do Rio de Janeiro aos 18 de novembro de 1926. Foi convertido à Igreja no dia 13 de março de 1971. É casado com Helena dos Santos Carvalho e ambos possuem 7 filhos e um neto. Foi secretário adjunto do ramo de Casca-

dura, secretário do mesmo ramo, segundo conselheiro do Distrito do Rio de Janeiro, e ultimamente, segundo conselheiro na presidência da Estaca Rio de Janeiro Brasil.

Para presidir a nova Estaca Rio de Janeiro—Niterói Brasil, foi chamado o irmão João Eduardo Kemeny, que ocupava anteriormente o cargo de 1º conselheiro ao presidente Helio da Rocha Camargo, da Missão Rio de Janeiro Brasil. O presidente Kemeny chamou para seus conselheiros, Antonio José Mendonça, como primeiro conselheiro, e Ronald Alton Meeks, como segundo conselheiro. O presidente João Eduardo Kemeny é natural do Rio de Janeiro, e nasceu a 12 de junho de 1940, filho de Paulo Kemeny e Marie Schurger. Foi convertido à Igreja em São Paulo, em 1956, onde passou a maior parte de sua infância e juventude. Casouse no Templo de Salt Lake City com Louise Terry Lindorf e possuem 3 filhos. Residindo nos Estados Unidos por longo tempo, onde completou os seus estudos, retornou ao Brasil como Gerente da Divisão de Formulários e Sistemas da Burroughs Eletrônica Ltda.

Durante o tempo que residiu em São Paulo, o Presidente Kemeny ocupou diversas posições de liderança, entre elas a de conselheiro do ramo de Vila Mariana. Foi também diretor do Sacerdócio Aarônico, consultor dos Mestres e presidente da Escola Dominical.

O irmão Mendonça nasceu a 27 de março de 1943, em Petrópolis, filho de Wilmar Mendonça e Maria de Lourdes Mendonça. É casado com Yone Guarany Mendonça e possuem duas filhas. Converteu-se à Igreja em 1962, em sua própria cidade natal, Petrópolis. Foi presidente do Distrito de Petrópolis, e por ocasião deste seu novo chamado, presidia o Ramo de Petrópolis, atualmente transformado em Ala. É radialista e trabalha para a rede Globo de Rádio e Televisão, em sua própria cidade.

O 2º conselheiro, Ronald Alton Meeks, nasceu em Inglewood, Califórnia, no dia 29 de maio de 1944, filho de Alton C. e Irma N. Meeks. Converteu-se à Igreja aos 14 anos de idade. É casado com Marilyn

Bryant Meeks, no templo de Salt Lake City, e dessa união possuem 3 filhos. Exerceu diversas funções na Igreja, como Consultor dos Diáconos, conselheiro na presidência da Escola Dominical da Estaca Pleasant, Califórnia, secretário executivo da ala dessa mesma estaca, e vinha atualmente servindo como 1º conselheiro do Bispo Danilo Talsankas, da Ala do Jardim Botânico. Serviu como missionário de tempo integral, na Missão Brasileira do Sul, ao tempo do Presidente Finn B. Paulsen. Esta estaca foi organizada com as seguintes unidades: Ala da Tijuca, Ala do Jardim Botânico, Ala de Niterói, Ala de São Gonçalo, Ala de Petrópolis, e os ramos Nova Friburgo, Terezópolis e Juiz de Fora, totalizando 8 unidades, com uma população total de 2.913 membros. Como bispo de São Gonçalo foi chamado o irmão Emanuel Marcelos de Brito e como bispo da ala de Petrópolis, o irmão Wilson José Moreira e como bispo da ala de Niterói, o irmão Dalton Cecchetti Vaz. Como patriarca da estaca, foi apoiado o irmão Walmir Silva, que anteriormente ocupava a mesma posição na Estaca Rio de Janeiro Brasil, desde o tempo de sua organização, ou seja, 1972. O irmão Walmir Silva nasceu a 1 de março de 1928, e foi batizado na Igreja em 27 de agosto de 1949, sendo contado entre os membros mais antigos da Igreja aqui no Brasil.

É casado com Yeda Coelho da Silva e possuem três filhos; foram selados para a eternidade no Templo de Salt Lake City. Foi, anteriormente ao seu chamado como patriarca da estaca Rio de Janeiro Brasil, conselheiro da Missão Brasil Norte, pelo período de 5 anos, ou seja, até a data da organização da primeira estaca na cidade do Rio de Janeiro. Na vida profissional, o irmão Walmir é o gerente Nacional de Vendas da General Electric. Naquela manhã, talvez demasiado fria para os cariocas, a capela da Tijuca foi pequena para conter o grande número de membros que, em expectativa, aguardava o anúncio da divisão da estaca. Cerca de 1449 membros, ergueram suas mãos em sinal de apoio e regozijo pela organização da nova Estaca de Sião, a Estaca Rio de Janeiro—Niterói Brasil.

